

tempo e

Publicação mensal do CEDI
número 162
setembro de 1980

presença

Documento

Uma reflexão poética sobre a produção do saber popular e suas conseqüências na ação pastoral e política das igrejas.

Página 3

Bíblia Hoje

A existência de uma espiritualidade comprometida com a transformação social e não com uma evasão da realidade.

Página 16

Última Página

Declaração final da consulta sobre as transnacionais promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas, em Itaici, São Paulo.



O POVO SABE DAS COISAS
Reflexões em torno da cultura popular



“Pois é, quem sabe, dança quem não sabe, estuda”.

Foi assim que o pesquisador imóvel com seu gravador foi definido pelo companheiro da Festa de São Benedito. E isto nos leva a pensar sobre a nossa atuação como agentes de pastoral diante da realidade do povo.

Como rompermos nossos “pré-conceitos” e cairmos na dança do povo? Rompermos esta linha imaginária e divisória que nos situa “aqui” e nunca “lá”, onde a realidade do povo se tece e se fia no meio das lutas e das danças.

Desde sempre o povo dança as suas lutas, canta sua vida. Basta olharmos a produção das suas músicas para podermos compreender a sua autoconsciência.

Mas... impregnados dos nossos “pré-conceitos” filtramos essa realidade “popular” com os óculos da nossa própria visão de mundo, e correremos o risco de “olhar o povo” naquilo que interessa para nossas elucubrações teóricas e — por que não? — políticas.

O povo fala também através das suas danças e cantos, fala através das suas fantasias e utopias.

O povo é capaz de transformar a consciência que tem das “contradições do sistema” em momentos de fantasia e de dança, e ficamos nós lá, com o gravador ligado.

É inútil insistir: difícil para nós dançarmos a dança do povo; e muitas vezes desafinamos no tom do seu canto. Nada de falsa consciência. Carregamos o ônus da classe média mas nem por isso estamos condenados a estar insensíveis às festas e aos “clamores do povo”, comprometendo-nos com suas lutas e reivindicações. Romper o cotidiano, este duro fardo do cotidiano em que nos movemos. Esta a razão última da festa do povo, e eles o conseguem sem se alienarem da realidade das suas vidas.

“Meu verso é como a semente que nasce em riba do chão não tem estudo nem arte a minha rima faz parte das obras da criação”.

O resto, Brandão, companheiro nosso, desfiará poeticamente no texto do documento que trazemos para vocês. E depois, leiam a carta de saudação do Betinho e pensem na oportunidade destas canções de militância, às vezes desafinadas mas que nunca perdem a capacidade de um bom desafio.

E para completar a dança que promovemos, Perani faz uma reflexão teológica sobre como viver a nossa espiritualidade — sem a qual a luta se esteriliza — ligada à nossa busca de libertação para que um dia todos dancem a dança do povo e cantem suas cantigas de amor e luta. Para vocês, companheiros nossos, estas canções e poemas de quem caminha com a esperança nos olhos...

Tempo e Presença
Editora Ltda.

Diretor
Domicio Pereira de Matos

Coordenador
Paulo Cesar Loureiro Botas

Editor de Arte
Claudius Ceccon

Diagramação
Anita Slade

Artefinal
Martha Braga

Equipe de Redação
Carlos Cunha
José Ricardo Ramalho

Conselho Editorial
Carlos Alberto Ricardo
Letícia Cotrim
Zwinglio Mota Dias
Carlos Rodrigues Brandão
Jether Pereira Ramalho
Eliseu Lopes
Henrique Pereira Júnior
Carlos Mesters
Beatriz Araújo Martins

Composição, Fitolito e Impressão
Editora Gráfica Luna Ltda.
Rua Barão de São Felix, 129 - Centro
Rio de Janeiro

Assinatura anual: Cr\$ 600,00
Remessa em cheques
pagáveis no Rio para
Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16.082
22221 Rio de Janeiro, RJ

Publicação mensal
Registro de acordo com a
Lei de Imprensa

CEDI
Centro Ecumênico de
Documentação e Informação
Rua Cosme Velho, 98 fundos,
Cosme Velho Telefone 205 5197
22241 Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Av. Higienópolis, 983
01238 São Paulo, SP

A CULTURA DO POVO, A PRÁTICA DA CLASSE Canções de Militância

Carlos Rodrigues Brandão
Campinas, março de 1980.

Primeira Conferência Brasileira de Educação
Simpósio sobre Concepções Teóricas de Educação Popular.

PRA QUEM EU FALO

*Falo somente com o que falo,
Com as mesmas vinte palavras.*

João Cabral de Melo Neto

Somos alguns, companheiros, e somos desiguais (1).

Há nomes diversos para nós: cientistas, estudantes,
professores
a quem interessam a consciência do povo e a cultura
popular,
mas são poucos aqueles a quem o interesse obriga ao
compromisso.

Há o pesquisador da cultura, caçador de borboletas,
das coisas que o povo vive, pensa e faz.

Há o professor calçado de bons propósitos.

Ele vai à roça e à favela: educa, alfabetiza, ajuda,
participa da vida do povo do lado de fora das lutas
populares.

É um bom caçador de palavras e crê que elas podem
mudar o mundo.

Há também o educador-militante, o educador popular
que arranca do seu trabalho uma arma a mais

na linha de frente da prática política dos subalternos.

Ele não caça nada. Luta a seu modo a luta necessária.

Esta fala acesa sobre a educação do povo

é dirigida a todos três,

e é dedicada ao que menos precisa dela

porque aprendeu antes a passar de caçador a militante.

1

Cultura Popular é o que o povo vive e faz,
e é aquilo sobre o que penso.

Cultura Popular é o que eu, burguês, vejo aos pedaços
da vida do bóia-fria, do camponês, do operário:
o trabalho do povo, os artifícios do viver
e a canção sobre o trabalho e a vida.

Cultura Popular é também o meu conceito, a minha teoria,
algumas vezes a minha ilusão, outras, o meu emprego.
Por isso ele faz a sua parte e eu lhes invento os nomes:
"cultura", "popular".

A cultura popular é a tessitura do outro sobre o mundo,
no lugar de onde eu não sou, de que não faço parte.
É o que se faz sem mim, fora do poder de meu trabalho
erudito,

mas não do ardil do meu pensar burguês,
que pensa a cultura da vida de que não é parte
para compreendê-lo ou para fazer parte do seu domínio? (2)

Mesmo que eu more ao lado da favela, ou dentro dela,
há uma distância de muitos alqueires
entre o quintal da cultura popular e a minha mesa.

A distância que existe entre o fazer de dentro
com o trabalho e a vida,

e o trabalho sem vida de pensá-la de fora,

quando o ato de pensar a cultura do outro

não é nada mais do que o compromisso do pensador com
ele mesmo

ou com a pequena quadrilha dos seus iguais (3).

1. "Quantos somos, não sei... Somos um, talvez dois, três, Talvez quatro, cinco, talvez nada. Talvez a multiplicação de cinco em em cinco mil E cujos restos encheriam doze terras."

(Vinícius de Moraes — O Poeta)

2. A face de dois gumes que é o conhecimento do intelectual burguês sobre as coisas do povo. Quantas vezes serve ao povo, através do intelectual militante? Quantas vezes serve apenas aos círculos profissionais de caçadores de borboletas culturais ou de caçadores de palavras de salvação? Quantas vezes, através deles, serve para orientar o trabalho que alimenta as oficinas da cultura erudita e dominante e a

cultura de massas? Ver as muitas situações em que as agências do sistema (do Mobral à TV Globo) lançam mão de material de cultura popular para devolvê-lo ao povo, transformado com os interesses do seu domínio.

3. "Para muitas pessoas a palavra 'pesquisa' está associada a volumosos e abstratos trabalhos científicos

que são apresentados na maioria das vezes, em linguagem esotérica por especialistas que lidam com assuntos específicos e inacessíveis. Estes empreendimentos de longa duração, em geral, são realizados nas universidades onde, na maioria das vezes, não representam mais do que o preenchimento de regulamentos acadêmicos para a obtenção de títulos e honrarias."



O camponês paulista dançador da Função de São Gonçalo canta:

*Eu adoro São Gonçalo
Que é filho da Virgem Pura
E vamos fazer bem certinho
Nossa vida um pouquinho dura.
E São Gonçalo quer que dança
Tá avisando às criaturas,
A nossa Hora já chegou
Vamos fazer santa mistura (4).*

Eu anoto e escrevo:

Podemos concluir que o cantar do caipira sobre a sua condição é o produto simbólico de sua posição estrutural subalterna no campo das relações dialéticas entre o senhor e o escravo, dentro do modo de produção capitalista que historicamente produz na formação social periférica o antagonismo entre o oprimido e o opressor.

Ele me olha, afina a viola e pensa:

Esse branco é doido, é mais um que faz pesquisa, ou é professor (5).



“Os temas variam, porém os mesmos padrões são repetidos em quase todos os lugares: os oprimidos são identificados, dissecados, medidos e programados *de fora* pelo opressor ou por aqueles que o representam.”

“Os opressores, com o auxílio de suas ciências, determinam os objetivos da pesquisa e a metodologia que deve ser utilizada. Os resultados, além disso, são praticamente ocultados e não são discutidos com as pessoas que estão diretamente ligadas ao problema, isto é, os oprimidos. A pesquisa é feita sempre *sobre eles*, o que significa, *sem eles*.”

A observação Participante: uma alternativa sociológica. Equipe do IDAC/Instituto de Desenvolvimento e Ação Cultural. Suplemento CEI nº 20/Ciência e Ação Cultural. Rio de Janeiro, março de 1978.

4. Versos de uma “primeira volta” de Dança, Reza ou Função de São Gonçalo, cantada por Antônio Telles, o “Folgazão”, no lugar chamado Guaxinduva, bairro de sítiantes próximo a Batatuba, no Município de Bom Jesus dos Perdões, em São Paulo.

5. Ou, como um dia me disse um preto, congadeiro incfível de um terno de negros da Festa de São Benedito, quando me viu imóvel, de gravador em punho, pesquisando:

“Pois é, quem sabe, dança, quem não sabe, estuda.”

6. “E, em primeiro lugar, é necessário demonstrar que todos os homens são ‘filósofos’, e definir os limites e peculiaridades desta ‘filo-

2

Uma face da Cultura Popular é o Folclore, a memória de um saber ao mesmo tempo imposto e recriado.

A rapadura, o trovar da vida “um pouquinho dura”, a moringa e o pote de barro, a binga e o cigarro, a rede de palha, a incelença para o morto na mortalha, a colcha de fiandeira, o rezar em latim da rezadeira, as estórias meninas do Trancoso, o cantorio de Santos Reis na casa do pouso, o aboio do berranto e do vaqueiro, as artes de feitiçaria do moçambiqueiro, a encomenda de almas, a dança de catira entre canto e palmas, o cordel que vê o mundo e quer pensá-lo, a fé e a festa de uma Função de São Gonçalo.

A face visível da cultura popular é o folclore, o resíduo das regras do dominante que cerca e invade os porões da vida das gentes da roça e da favela. Esta face festiva da cultura popular são os modos rústicos de

converter as coisas do mundo em objetos e regras de trabalho, de dança ou devoção, e mais os modos populares de pensar tudo o que há, como um saber do homem, pensado antes da invenção da crítica

sofia espontânea’, característica de ‘todo mundo’ e, portanto, a filosofia contida:

- a) na linguagem como conjunto de conhecimentos e conceitos, e não só uma soma de palavras gramaticais carentes de conteúdo;
- b) no sentido comum e no bom sentido;
- c) na religião popular e, assim também, em todo sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e fazer entre os quais o ‘folclore’ é tão fascinante”...

Antônio Gramsci
Questões Preliminares de Filosofia, em La Formacion de los Intelectuales, Ed. Grijalbo, México, 1967, p 61.

7. São os muitos casos em que através do artista popular a cultura do povo começa a pensar sobre si própria

e a sua condição. Há inúmeras músicas sertanejas de toda uma fase pré-política em que é feita uma oposição entre a cultura letrada e imposta, e a cultura da gente da roça. Mesmo quando a primeira é reconhecida como “mais culta”, a segunda é definida como mais necessária, porque é a do povo e lhe reflete a identidade e a vida.

“Poeta cantor da rua
Que na cidade nasceu
Cante a cidade que é sua
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo
Aqui Deus me deu tudo
Sem de livro precisar.
Por favor não mexa aqui
Que eu também não mexo aí
Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida
É diferente da sua
A sua rima polida
Nasceu no salão da rua



Esta face sofrida, mas em festa, da cultura do povo contém a tradição dos muitos povos que há: o camponês, o meeiro, o posseiro, o operário, o sem-emprego, e pode haver tantas culturas concretas quantas eles são, quando assistem, de longe apenas, ao alvorecer da classe.

Esta cultura, que em parte engana o povo, não é "alienada", ela é a cultura possível, a que reflete o limite da vida, e, se a ilusão dos conteúdos do folclore são as fugas do real, o ato popular de recriar qualquer coisa sua, própria, e no meio da noite esgrimi-la contra os fantasmas da cultura de massa

é um sinal do trabalho popular de resistência na aurora da luta que apressa aquele amanhecer (7). Pois quando o povo cria, resiste, e a cultura popular são armas: suas rezas do sertão contra as orações da igreja antiga, o imaginário de seus mitos contra a lógica do patrão, ou a sagrada vocação de invadir terras, derrubar cercas e quebrar com o tempo a geometria industrial de uma vila do BNH, para recriá-la aos pedaços segundo o seu modo proletário de pensar a vida e dispor o mundo para habitar nele (8).



Já eu sou bem diferente
Meu verso é como a semente
Que nasce em riba do chão
Não tem estudo nem arte
A minha rima faz parte
Das obras da criação.

Você tem muita ciência
Aprendeu indução
Mas das coisas do sertão
Não tem boa experiência
Nunca fez uma palhoça
Nunca trabalhou na roça
Não pode conhecer bem
Pois nessa penosa vida
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantar o sertão
Precisa nele morar
Ter almoço de feijão
E a janta de mungunzá
Viver pobre sem dinheiro
Trabiando o dia inteiro
Socado dentro do mato
De apragata currulepe
Pisando dentro de estrepe
Brocando a unha de gato.

Você é muito ditoso
Sabe ler e sabe escrever
Pois vai cantando seu gozo
Que eu canto meu padecer
Enquanto a felicidade
Você canta na cidade
Cá no sertão eu enfrento
A fome, a dor, e a miséria
Pra ser poeta de vera
Precisa ter sofrimento.

Sua rima ainda que seja
Bordada de prata e de ouro
Para a gente sertaneja
É perdido este tesouro.
Com o seu verso bem feito
Não canta o sertão direito
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada
E a dor só é bem cantada
Cantada por quem padece.

Só canta o sertão direito
Com tudo o que ele tem
Quem sempre correu estreito
Sem proteção de ninguém
Coberto de precisão
Suportando a privação



3 A outra face da cultura do povo reflete os atos e as regras das lutas populares.

Até quando só saberemos ver na cultura popular os seus frágeis potes de barro e suas canções de ninar? Tem um rosto menos festivo e mais armado a outra face da cultura do povo. Ela é o começo da história da classe e a memória do trabalho aceso pela resistência popular contra a opressão.

Esta é a face que inventa a crítica, recria o pensar e reflete a reinvenção do cotidiano na prática da luta popular. Os mesmos sons que serviram um dia ao sonho, servem à luta, quando o povo cria a classe, a vizinhança inventa o movimento a moça vira a militante e o compadre vira o companheiro. A mesma gente que um dia canta:

*Minha vida é um romance
De tristeza e ilusão,
Parece que o destino
Foi que me fez traição.
Minha esperança é perdida.
Quando en canto a minha vida
Dói em qualquer coração (9).*

Com paciência de Jó
Puxando cabo da enxada
Na quebrada e na chapada
Molhadinho de suor.

Patativa do Assaré
"Cante lá que eu canto cá".
versos encontrados em um volante mimeografado que circula nos sertões de Goiás."

8.
De "História da Luta e da Vitória de Algamar".

"Pegamos o gado dos fazendeiros e tiramos de nossas roças. Derrubamos as cereas dos proprietários, fizemos mutirão e arrancamos muda por muda todos os pés de cana que tinham sido plantados no meio das lavouras. Quando os patrões quiseram proibir nós de arrancar os cocos, cercamos os patrões e os jagunços e obrigamos eles a fugir."

Em: 1º de maio — lutas e vitórias da classe trabalhadora. CRD — Centro de Reflexão e Documentação, Goiânia, maio 79.

"A rua vai ganhando uma fisionomia tão peculiar que às vezes já não identificamos uma série de casas planejadas e outrora idênticas. Temos observado esse movimento lento e contínuo de diferenciação seja nos bairros de Goiás, planejados pelo BNH, como a Redenção, seja na zona mais esquelada de Osasco. Há uma composição paciente e constante da casa no sentido de arrancá-la à 'racionalização' e ao código imposto."

Eclea Bosi
Problemas ligados à cultura das classes pobres em: A Cultura do Povo, Cortez e Moraes/EDUC, São Paulo, 1979.

9.
"Canção do Lenço", versos de cordel de Severino Pelado.



Outro dia pode cantar:

*Na canga do boi de carro
Tem gente amarrado lá,
Gente não é boi de carro
Pra carro de boi puxar.
Gente tem mente que gira
Mente que pode girar,
Gira a mente do carreiro
A canga pode quebrar (10).*

Quando o camponês oscila entre o povo e a classe, a consciência e a cultura oscilam entre o conto de fadas e as canções de luta.

A cada passo de sua história de fazer a liberdade, a melhor arte do povo é a mais fiel em refletir para ele a memória coletiva de cada um dos seus momentos. Apenas o mesmo trabalho político que um dia muda o mundo,

muda, estrada a fora, as falas da cultura popular. E, quando um momento afinal incorpora a luta à vida, a cultura incorpora finalmente o pensar a vida como luta (11).



10. Versos de "A Canção do Carreiro", de Percival, compositor popular de viola e líder rural em Goiás. Recomendando ao leitor a fita cassete: "Canto dos Lavradores de Goiás", editada pelo Centro de Reflexão e Divulgação, de Goiânia.

11. "A primeira coisa é enxergar. Depois que a pessoa enxerga, já começa a perceber o claro da libertação. Precisava ajudar todos os companheiros a enxergar pra fazer aquela união grande, aquele murirão forte. No roteiro da comparação da semente, primeiro se enxerga o timbete e as outras pragas da

sufocação do arroz. Depois se organiza o murirão para combater aquela sujeira toda."

"Uma coisa que muito atrapalha é a tradição. As pessoas ficam pensando, presas a certos costumes, satisfeitas e acomodadas. Não enxergam que está tudo podre. Não imaginam que a religião da gente pode estar sendo só um tapete, escondendo a sujeira por baixo. Alguns percebem que o tapete não está muito limpo, largam tudo, mas não acordam, não tomam um compromisso de fazer coisa melhor."

"A sujeira que está por baixo é a exploração dos latifundiários, a ambição. Como então lutar para

4

O educador popular muitas vezes olha e não vê os seus companheiros que há no povo.

A gente de qualquer favela ou lugar de camponeses tem os seus sábios, seus filósofos, sacerdotes, estrategistas e professores. Eles são como nós, nossos iguais em artes e ofícios, mas às vezes o educador popular olha em volta e não os vê e, assim, trabalha sem eles, ou contra eles.

Conhecemos bem os nomes inteiros dos nossos guias: Paulo Freire, Antônio Gramsci, Fernando Henrique Cardoso.

Mas os agentes de uma face e outra da cultura popular são uma gente para nós sem face, anônima ou coletiva a quem chamamos "o povo", "o povão", "a massa". Ou então são os sujeitos com apenas meio nome, apelidos sem os nossos títulos de doutor, dom, mestre ou professor: Lula, Percival, Joaquim de Goiás, Patativa do Assaré, Dona Maria,

Chico Porteiro, Severino Pelado, Zé Moreira. Eles são os "intelectuais tradicionais" da roça ou da cidade: rezadores, benzedeiros, artistas de cordel, contadores de contos, violeiros, repentistas, chefes de ternos de congos, pais de santo. São também — convertidos de uma face à outra da cultura — os agentes que ajudam a conduzir a consciência da classe pelo território

das muitas frentes de combate: o líder operário, o presidente de sindicato, o artista militante, os sujeitos da comunidade eclesial de base, as mães do clube de bairro, as mulheres da comissão de direitos humanos, os dirigentes anônimos dos comitês de greve (12).

Juntos eles constroem os dois lados da cultura popular: o que reflete a vida do passado e o que pensa a do futuro. Eles são os verdadeiros professores de uma educação de classe e, quando se educam a si próprios com a prática de que são parte, fazem avançar a consciência e a cultura de que são os guias.

fazer uma verdadeira comunidade? Temos que abrir os olhos dos companheiros para que enxerguem essa sujeira..."

Os Estudos Bíblicos de um Lavrador. — CEI, Suplemento nº 25 — Centro Ecumênico de Documentação e Informação — CEDI — Agosto, 1979.

12. E o povo aprende a cantar a memória dos seus próprios homens de luta popular.

"Neste ano uma tragédia Caiu sobre o povo inteiro Tombou morto um operário

Ferido em tiro certo Fui Santo Dias da Silva Trabalhador brasileiro

Este crime verdadeiro Estarreceu a nação Santo morreu ali mesmo O rosto colado no chão Quando a bala de um polícia Atravessou-lhe o pulmão...

A morte cortou o fio De uma vida combativa Santo morreu defendendo A classe, com força viva Um bravo trabalhador Da luta nunca se priva."

Laerte Coutinho A Vida Eterna de Santo, ou Santo



5
 É o trabalho político da classe que transforma o que a Educação Popular apenas ajuda a transformar.

As flores não brotam sem antes a chuva, as palavras não caminham adiante dos gestos e todo o hino que se canta é por algo que se fez antes. Também a "consciência crítica" de que a "cultura de classe" é o espelho, não caminha adiante do trabalho político que faz e pensa a prática de um povo convertido na classe para quem o homem libertado é o horizonte. A consciência que aos poucos livra a cultura popular de ser a sobra submissa de uma cultura dominante é aquela que todos os dias nasce na linha de frente dos trabalhos da classe, e nunca nasce da massa metida na classe pelo professor (13).

Aprendemos com o saber dos poderosos e de seus sábios que é preciso ensinar o povo com as sobras de nosso saber. Desde então estamos aí, "sacerdotes em marcha pela educação", ocupados em "civilizar" o índio, em "alfabetizar" o camponês, em "educar" o operário, para que aprendam a ser como nós e decorem nossas lições de "progresso" e "liberdade". Mas estas são, professor, as lições de falsidade, o saber mentiroso do patrão através do trabalho ingênuo e devotado do educador esclarecido e descompromissado (14).

Como culturas, as culturas não se encontram entre as classes, a não ser através do massacre de uma sobre a outra, da invasão cultural disfarçada em "educação para o povo" com o que o educador popular envolvido imita sem querer a pedagogia opressora das escolas do capital. O povo não aprende sem o saber direto do educador a não ser aquilo que antes aprende com a própria prática.

A escola é a rua, a praça em passeata, o salão cheio de greve, as reuniões de mães e de mulheres, os porões da militância. As aulas do povo são as situações concretas de seu trabalho e a cultura da classe são as construções simbólicas, da trajetória de suas muitas vitórias e recuos.

O camponês, o operário e o bóia-fria não aprendem as palavras e a gramática de sua própria liberdade nas páginas da cartilha das regras do educador popular. Eles aprendem nos mesmos lugares e com as mesmas lições que ensinam ao mesmo tempo o povo e o educador. Aprendem com o saber que há em todo o gesto proletário que converte o trabalhador, embrutecido pela rotina da fábrica e pela pedagogia difusa e inimiga dos ardis do opressor, do militante crítico que encontrou enfim a sua escola no seu próprio mundo, nas suas frentes de combate, ali, onde o educador passa de professor a aliado.

contra o Inferno — volume 2 da coleção: O Povo e seus Poetas. Oboré Editorial, São Paulo, 1979. Publicado também no Jornal Porambubas, PUC/São Paulo.

13. "Estamos procurando fazer juntos a caminhada. Mas quando alguém começa a querer impor a idéia dele, a ensinar o Evangelho como se fosse o dono, vira patrão, está tomando o lugar de Deus."

"Sabe que disse uma coisa certa? Nós já nos acostumamos a trocar idéias e descobrir juntos o caminho. Ninguém banca o professor. Todos procuramos unidos. Tem

um coordenador na reunião mas é pra organizar o debate. E quando a gente começa a enxergar mais claro e ter uma boa consciência, qualquer um pode coordenar. É aquilo de apresentar a comida na hora certa: mas cada um é que come."

Estudos Bíblicos de um Lavrador, op. cit. p 50.

14. "Em resumo, 'civilização', 'educação', 'promoção', são apenas para camuflagem da realidade concreta de exploração e pilhagem, opressão, brutalização e humilhação. Palavras bonitas para nos enganarem e adormecerem. Por isso, atra-

vés de cada palavra de ordem do regime de opressão devemos ver a realidade que ela encobre."

"A burguesia afirma ainda que deve ser minoria inteligente e capaz, os ricos e os doutores, quem deve governar a maioria que eles consideram brutos e incapazes."

Samora Machel
 O Poder dos Exploradores é para oprimir o povo, o Nosso Poder é o Poder do Povo.
 Em: Estabelecer o Poder Popular para Servir às Massas
 Ed. Codecri, Rio de Janeiro, 1979, p 19.

"Os bem intencionados, ou seja, aqueles que utilizam a 'invasão' (cultural), não já como ideologia, mas por causa das deformações a que fizemos referência em páginas anteriores, terminam por descobrir, em suas experiências, que certos fracassos de sua ação não se devem a uma inferioridade ontológica dos homens simples do povo, mas à violência de seu ato invasor. De modo geral, este é um momento difícil pelo qual atravessam muitos dos que fazem tal descobrimento."

Paulo Freire
 Pedagogia del Oprimido
 Tierra Nueva, Montevideo, 1979, p 204.

O horizonte da educação popular não é o homem educado, é o homem convertido em classe, e livre.

Caçamos borboletas ou nos iludimos com as nossas palavras?

Não há escolas *para* o povo; há escolas *do* povo, ou há as escolas do opressor (15). Há o MOBRAL e há os grupos locais das lutas populares. Em qual dos dois ficamos, professor?

Há os cursos patronais de formação de mão-de-obra, há o Projeto Minerva, há os programas inócuos de Educação de Adultos e desenvolvimento de comunidades. Do outro lado há momentos de prática, movimentos, espaços de luta, avanços e recuos, trajetórias de trabalho e revisões.

Há grupos, gentes e agentes populares de cultura. De um lado as prisões didáticas cheias de flores e recursos, mas armadilhas que transformam o homem em massa, e o corpo em máquina. Do outro lado as situações, companheiro, as estruturas, as escolas, os instrumentos e os educadores diretos da classe.

O trabalho do educador popular que não caça borboletas para os museus da academia, e não se engana com o poder de fogo das palavras do sistema, consiste em estar ali, no campo da frente de combate, e participar, e somar o seu trabalho didático, à prática política que guia o povo e o seu trabalho, educador.

A educação popular não ensina e não conduz, ela acompanha e reflete a prática do povo e vai à sua retaguarda.



15. "Aqui o educador precisa ser educado, e a *educação popular* precisa aprender com os seus alunos antes de ensiná-los. A primeira lição é o descultamento de sua própria ilusão pedagógica. Ela não possui um espaço próprio no campo da educação, onde são reais apenas a *educação do sistema*, que articula, como trabalho pedagógico, os interesses do colonizador político e cultural; e a *educação de classe*, que articula os do colonizado. A *educação popular* oscila entre as duas e,

como não pode, a não ser ilusoriamente, possuir um projeto próprio de fazer a história, ou cumpre os do *sistema*, ou cumpre os das *classes subalternas*."

"Por conseqüência, o lugar da prática pedagógica popular, como trabalho simbólico de educadores-intelectuais a serviço de trabalhadores-subalternos, fica um pouco atrás da prática política de classe e ao lado de sua educação, ou seja, do ponto de vista de sua prática. Para não acabar sendo apenas uma

A cultura da classe e a sua prática são ao mesmo tempo o caminho e a caminhada, o que se faz todo o dia pela conquista do poder da liberdade e o que se aprende todo o dia sobre ela, ao se fazer e acreditar.

O educador popular não é aí o dirigente e nem o professor de uma gente de frente que afinal tem os seus próprios criadores de uma nova cultura. Não há métodos, portanto, e nem sistemas rígidos, porque é cada passo da prática política quem dita as regras da didática.

A educação popular não é o caminho e nem a caminhada, mas, ao longo do caminho, é como os sinais da caminhada: informes, mapas, setas, estrelas, recursos de orientação, os sinais que apontam em direção a rumos já encontrados e apenas ajudam quem caminha a não errar a caminhada.



EM NOME DO QUE EU FALO, COMPANHEIRO.

O horizonte da cultura popular é a cultura de classe, e a cultura da classe é o saber do homem libertado. O homem libertado existe na classe que toma o poder e liberta o homem, quando cumpre a profecia a que serve a verdadeira educação popular:

*Inexoravelmente,
como uma onda que ninguém trava,
vencemos,
o povo tomou a direção da barca (16).*

forma mais 'avançada' de *educação do sistema*, a *educação popular* deve ser um modo de participação de intelectuais-educadores na *educação de classe*."

16. Agostinho Neto
Do Povo Buscamos a Força
Em: Poemas de Angola
Ed. Codecri, Rio de Janeiro, 1979.
Onde se lê, ainda:
"Na mesma barca nos encontramos. Todos concordam — vamos lutar.

Lutar pra quê?
Pra dar vazão ao ódio antigo?
ou para ganharmos a liberdade e ter pra nós o que criamos?

Na mesma barca nos encontramos
Quem há de ser o timoneiro?
Ah! as tramas que eles teceram!
Ah! as lutas que aí travamos!

Mantivemo-nos firmes: no povo buscáramos a força e a razão..."

p 50.

Aconteceu

Setembro e Outubro de 1980

DENÚNCIAS, APOIO E PROPOSTAS DO 2º ENEMEC

O Segundo Encontro Nacional de Experiências de Medicina Comunitária, realizado em Olinda — Pernambuco (17 a 21 de setembro de 1980), reuniu Movimentos Populares de todo o Brasil, trazendo delegações das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

Entendendo a Saúde como uma conquista popular, fez discussões e trocas de experiências sobre as condições de vida do povo que impedem o povo de ter situações dignas de saúde. Também apontou propostas para soluções destes problemas.

Vimos que de Norte a Sul do Brasil, a situação do povo é a mesma. Uma situação de exploração e miséria, fruto do sistema econômico e político que favorece os grandes exploradores nacionais e estrangeiros. Na cidade o trabalhador que produz quase toda a riqueza do País, mora em condições miseráveis. É dominado pelo patrão e ganha salário de fome. No campo, o lavrador é expulso de suas terras pelos grandes proprietários que contam com o apoio e financiamento do Governo. Essa situação, se repete a cada dia.

Na Amazônia é escandaloso que um pedaço de terra maior que alguns Estados do Brasil esteja nas mãos de um estrangeiro — o Projeto Jari do norte-americano Daniel Ludwig. Ele ainda recebe empréstimo do Governo e não paga impostos. Outros estrangeiros também têm causado a devastação da mata amazônica, provocando desequilíbrio no clima e causando prejuízo à lavoura. Também nas regiões do cerrado (Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso), as grandes empresas nacionais e estrangeiras estão provocando o fim das lavouras pela queima do cerrado para o plantio da cana (para fazer álcool). Isto está acabando com as lavouras e os pequenos proprietários. Na cidade de São Luís, Maranhão, o governador João Castelo, deu uma grande extensão de terra da ilha para a Alcoa. Essa empresa estrangeira (norte-americana) vai fabricar alumínio. Nessa fabricação sobra uma grande quantidade de veneno que mata os peixes, as plantas, suja as águas (rios e mares) e adoecce as pessoas.

Uma desculpa constante do Governo é de que não tem verba para servir à população; no entanto, emprega grandes quantias na construção de usinas nucleares (que produzem energia) sem nenhuma necessidade. O Brasil possui muitos rios que podem fornecer energia elétrica mais barata do que essas usinas e sem perigos para a população. Os serviços de saúde do Governo só funcionam tendo em vista o lucro e não as necessidades do povo, alimentando a doença na população. Projetos que o Governo faz, como o de controlar o nascimento das crianças, não resolvem os problemas da pobreza.

Muita injustiça acontece porque o povo não é ouvido nas decisões do Governo; não elege seus governantes: nem o Presidente, nem o Governador e agora nem mesmo os Prefeitos e Vereadores.

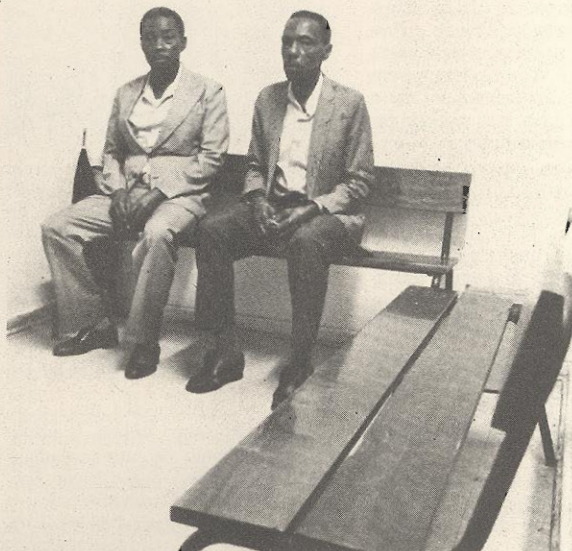
Até a miséria do povo é usada a favor dos grandes. A indústria da seca no Nordeste é um exemplo claro. Enquanto o lavrador ganha uma diária de oitenta cruzeiros, os grandes fazendeiros estão construindo novas cercas, poços e melhorando suas terras sem dar direito ao lavrador de plantar.

A repressão policial e política é meios que o Governo encontra para dominar o povo e se manter no poder. Tem também uma outra repressão que são as formas que o Governo está usando para enganar o povo com o Novo Mobral, Associação de Bairros de Prefeituras e outras.

Somos contra todas as formas de exploração que hoje sofre o povo brasileiro. Estamos unidos aos explorados. Apoiamos aqueles que juntos buscam a libertação. Queremos registrar, em especial, nosso apoio:

- ao movimento dos cortadores de cana de Pernambuco;
- aos posseiros de Itapuranga, Goiás, que se encontram ameaçados de despejo de suas terras;
- à comunidade de Porto Nacional, Goiás, e aos profissionais de saúde que estão sendo pressionados pela Secretaria de Saúde do Estado de Goiás. É uma clara ameaça às conquistas feitas pelo povo na região juntamente com os agentes de saúde;
- ao movimento contra a carestia;
- aos posseiros do Pará, especialmente da PA-150, que estão sofrendo perseguições dos grileiros, gran-

Walter Gheïman



des latifundiários e repressão policial;

- à população ribeirinha de Sobradinho, expulsa pelas enchentes das compotas das barragens da CHESF e que não recebeu até hoje sua justa indenização.

Propomos como medidas imediatas:

- a reforma agrária completa e integral, conforme foi exigida no Terceiro Congresso da CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura) e que possibilitará a fixação do trabalhador no campo, ocupando as terras improdutivas dos grandes proprietários;
- a legalização da posse da terra (solo urbano) para as populações urbanas chamadas de "invasoras";
- a demarcação das terras indígenas a fim de diminuir a marginalização, o massacre, o adoecimento, a perda dos hábitos e costumes dos índios e possivelmente o seu extermínio;
- sindicatos livres dos trabalhadores que lutam por melhores salários, melhores condições de vida e verdadeira participação no controle da produção;
- a distribuição justa da renda nacional para toda a população;
- a valorização de tudo o que diz respeito à sabedoria popular; como exemplo, a medicina caseira;
- o atendimento de todas as reivindicações do Terceiro Congresso da CONTAG;

- ensino voltado para a realidade do Brasil, formando pessoas realmente úteis ao povo;
- serviços governamentais de saúde voltados para as necessidades do povo e não para poucos como temos atualmente;
- uso da verba da Previdência Social numa medicina que não vise o lucro;
- o respeito à organização popular no seu direito a voz e decisões sobre seus interesses.

Vale repetir que a raiz do mal é a forma como a sociedade está montada. Nessa sociedade uma maioria oprimida luta pelos seus direitos. É porque luta pelo que é seu, está sendo perseguida pelos seus dominadores. Mas nós sabemos o que queremos — temos as nossas propostas. Sabemos que estamos sendo roubados e por que somos explorados.

Acreditamos também que só haverá igualdade num regime de Justiça. Enquanto não houver essa Justiça, a luta não pára e nem tão pouco a perseguição. Por isso compreendemos que, além da conquista de nossos direitos, existe uma luta maior: a luta e a conquista de uma mudança urgente e completa no regime político e no sistema econômico que hoje existe no Brasil.

Olinda-PE, 21 de setembro, 1980.

CARTA-POEMA SAÚDA OS PARTICIPANTES DA CONSULTA LATINO-AMERICANA SOBRE AS CORPORAÇÕES TRANSNACIONAIS

Escrita por Hebert José de Souza (Betinho) a carta de saudação aos participantes da consulta latino-americana é uma proclamação de esperança aos que, durante estes anos difíceis, na América Latina ainda resistem no seu afã de transformação do mundo. Tempo e Presença publica na íntegra esta carta que poderá servir, de tempo em tempo, como um referencial para revisões profundas das nossas caminhadas e desencontros.

Queridos irmãos Latino-americanos,

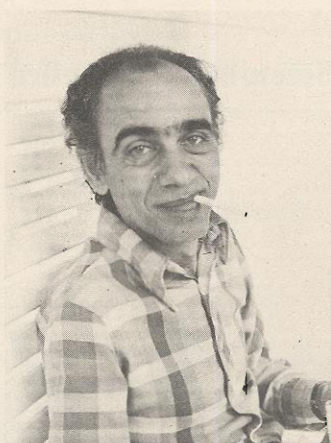
Final estamos quase perdendo o medo de existir. Estamos reconquistando pouco a pouco a coragem e o ânimo para lutar nos países onde moramos.

De repente sentimos nosso mundo ocupado por forças que nos cortam pela violência e nos transformam em estrangeiros em nossas próprias pátrias.

Imobilizados no pesadelo ainda lembrado, não houve espaço para o sonho, porém sabemos, sentimos, que sem esperança, o cotidiano é uma derrota diária.

A dimensão global de nossos países, de nossas vidas e de nós mesmos foi ocupada por absolutos que nos negam, que nos reduzem a quase nada, mesmo quando aceitamos desaparecer para que o mundo exista sem nós.

Participar, quando permitido e não conquistado, se transformou em



Betinho

uma impossibilidade prática e logo também teórica. O pensar se transformou em descrever a ordem existente. O nosso querer é impotência.

E de repente percebemos que somos prisioneiros de nosso próprio pensar e que nossa solidão está cercada de solitários por todos os lados.

O mundo ocupado pela força e as coisas está vazio, porém o nosso vazio está cheio de humanidade e esperança. Nossa impotência está prenhe de poder transformador e neste momento estamos de novo em condições de abrir os olhos e começar a andar com o coração cheio de esperança.

Ao abrir os olhos vemos. Ao andar encontramos. Ao encontrar os companheiros começamos de novo a transformar o mundo, movidos por nosso encontro.

Itaici, 3 de outubro de 1980
Betinho

PRESOS DENUNCIAM ATOS DE VIOLÊNCIA EM SÃO PAULO

O deputado João Leite Neto (PMDB) quer apurar denúncias de irregularidades e violências na Casa de Detenção de São Paulo, que lhes foram apontadas em uma carta encaminhada por presos do Pavilhão 8 da instituição penal, que não se identificaram com medo de represálias. Na carta, os presidiários relatam que, na "operação limpeza", realizada no dia 19 de setembro (com 200 policiais militares e cães pastores), foram cometidas "atrocidades e violados os direitos humanos, em todos os sentidos". Entre essas violências, eles enumeram ferimentos "graves" causados por "borrachadas e mordidas de cães, ataçados pelos próprios PMs" e "casos isolados de reclusos que es-

tão na iminência de perder a visão, em face de um estranho líquido que lhes fora atirado no rosto". (FSP — 26/09)

PASTORAL ACUSA O ACHATAMENTO SALARIAL

A Pastoral do Mundo do Trabalho, Setor Imigrantes - SP, divulgou nota em que se declara "estarecida" diante das declarações de autoridades da área econômica, segundo as quais os aumentos salariais contribuem para aumentar a inflação. Ao contestar essa tese, a Pastoral responsabiliza o próprio governo pelos problemas econômicos do País e denuncia "o constante achatamento salarial sofrido por toda a classe trabalhadora brasileira" (FPS — 26/09).

Walter Ghelman



CIMI PEDE DEMISSÃO DA CÚPULA DA FUNAI

O Conselho Indigenista Missionário, da CNBB, denunciou ontem em Brasília a vinculação formal da Fundação Nacional do Índio com o Conselho de Segurança Nacional e o Serviço Nacional de Informação. O comunicado do CIMI pede a demissão da atual cúpula dirigente da Funai "por não cumprir sua missão", afirmando ainda que o "trinômio FUNAI — SNI e CSN ratifica uma aliança antiíndio e anti-indigenista cuja formação há tempos vem se preparando e que de fato já existia através dos coronéis que vieram da área de segurança para tomar conta do órgão tutelar dos índios". (FSP — 28/09)

LULA CONTESTA VERSÃO DO PRESIDENTE DA VOLKSWAGEN

A direção da Volkswagen do Brasil ainda não respondeu à proposta do presidente do Partido dos Trabalhadores, Luis Inácio da Silva — Lula, de debater publicamente a criação da comissão de trabalhadores. Na opinião de Lula, "somente uma Central Única de Trabalhadores (CUT) poderia pressionar a Volkswagen, que tem atualmente uma ação diversificada em vários ramos da economia do País, inclusive na área agrícola". Durante almoço em que participou no Rio como convidado pela Associação dos Jornalistas de Economia e Finanças do Rio de Janeiro (AJEF), Lula refutou afirmações atribuídas ao presidente da Volks, segundo as quais a criação da comissão de trabalhadores foi resultante de pressões de sindicalistas brasileiras sobre seus colegas alemães. Lula in-

formou que os líderes sindicais paulistas que foram à Alemanha solicitaram dos seus colegas apoio à proposta de criação do delegado sindical nas fábricas, e não de uma comissão desligada do sindicato, submetida a um estatuto feito à revelia dos operários e sobre a qual a empresa exerce total controle. (FSP — 25/09)

POR 3 VOTOS, SENADO REJEITA APOSENTADORIA DOS PROFESSORES

Numa manobra que a liderança do PMDB considerou fraudulenta, realizada em Brasília, o governo permitiu que a Câmara aprovasse a proposta de emenda constitucional que estabelece a aposentadoria especial aos 25 anos de trabalho, mas impediu sua aprovação no Senado, sendo então rejeitada a matéria pelo Congresso Nacional. (FSP — 18/09).

PROJETO NO CERRADO PREOCUPA OS BISPOS

Os bispos da região do Triângulo Mineiro e do Sul de Goiás manifestaram, esta semana, à CNBB sua preocupação em relação ao projeto JICA — Japan International Cooperation Agency — que prevê a implantação de um plano de desenvolvimento do cerrado numa superfície de 500 mil quilômetros quadrados. Os religiosos, entre eles D. Estevão Avelar, de Uberlândia, D. Benedito Ulhoa Vieira, de Uberaba, e D. Antonio Ribeiro, bispo da cidade goiana de Ipameri, afirmam que os fazendeiros e pequenos proprietários dessa área estão sendo levados a vender suas terras devido aos preços tentadores acenados pelo grupo japonês, o que vem causando o êxodo de agregados e trabalhadores rurais. (ESP — 25/09).

SEGUNDO ENCONTRO NACIONAL DE EXPERIÊNCIAS DE MEDICINA COMUNITÁRIA (II ENEMEC, Olinda-PE)

Saudação aos participantes do Segundo Encontro Nacional de Experiências de Medicina Comunitária, Arcebispo de Olinda e Recife.

Recife, 14 de setembro de 1980.

Sejam bem-vindos, amigos, a este Segundo Encontro Nacional de Experiências de Medicina Comunitária.

Somente uma obrigação como esta, que têm os Bispos de visitar periodicamente o Santo Padre (e isto para bem, não somente da Igreja, mas pensando na humanidade), só mesmo um impedimento assim, que está levando os Bispos todos do Brasil até Roma, me impediria de

tais, clínicas, que, qualquer que seja a doença que eles trazem, já é a segunda, que a primeira é fome? Abençoada seja a Medicina Comunitária, que nos está deixando dar atenção pra isto. Com o desemprego, com fome, sem casa, sem água, sem fossa, como é que se pode pensar em saúde? É um problema global, o problema da medicina, o problema da saúde. Que Deus abençoe este encontro, sobretudo, como ele foi organizado. Eu já sei que, atendendo ao primeiro encontro, já houve regiões. Não é que a gente queira parar na sua pequena cidade ou na sua região; mas justamente para abranger o todo, precisamos da contribuição de cada região.

E é claro que nós também vamos falar do Brasil, por mais que o Brasil nos fale, porque não é por acaso que nascemos aqui. Por mais

Quero dizer que a decisão da Igreja de Cristo no mundo inteiro, de modo particular na América Latina, no Brasil, no Nordeste, é ver Cristo, sem dúvida, libertador do pecado, mas também das consequências do pecado. Nós pensamos na vida eterna, não esqueçamos de modo algum que somos peregrinos, mas Cristo veio não foi só para pregar a vida eterna; ele disse que nós seremos julgados conforme a maneira de tratarmos a ele na pessoa do oprimido. Ele não disse que só os pobres tiveram fome, e sede e estavam doentes e presos; eu tive fome, eu tive sede, eu, foi ele, é ele. Então eu gosto de ver cada vez mais uma religião encarnada, sem dúvida nenhuma. Vem a semana santa, aquelas procissões enormes de certos lugares, o povo acompanhando a imagem de Cristo com a cruz nas costas. Mas aquilo só tem valor na medida em que os nossos olhos se abrirem para as cruzes que Cristo continua a carregar hoje. É a cruz da falta da saúde, a cruz das doenças, das enfermidades. Exige, que nós procuremos ir até à raiz do problema, e só chegaremos à raiz do problema, seguindo o método da Medicina Comunitária, procurando ver a saúde como um problema global.

Quem não entende o que é preocupação de saúde, a questão do emprego? quem não entende que o problema da casa é problema de saúde? quem não entende o que é o problema da água, da fossa? quem não entende que há toda essa estrutura que está aí criando miséria? o sistema que, na mesma hora em que cria riqueza, cria ainda mais miséria? Quem não entende que

nós precisamos partir para as lutas pacíficas? Eu não creio no ódio, nem creio que o ódio seja capaz de possuir. Eu não creio na violência; mas nós precisamos também partir não para uma não-violência mole, medrosa, mas para uma não-violência ativa, que, como João Paulo II nos lembrou, queira chegar a mudanças efetivas de estrutura. Então — Medicina Comunitária, participantes do Segundo Encontro de Experiências Comunitárias — ajudem o Brasil, ajudem a América-Latina ajudem o mundo a descobrir que a saúde é um problema global.

Voltando, para terminar, a uma idéia religiosa: Nós sabemos que pelo menos o dia de hoje em que estou falando (eu tenho que partir hoje e estou gravando aqui para os congressistas, para os que vêm ao encontro de 18 a 21, estou gravando no dia 14), o dia de hoje é a festa de Exaltação da Cruz. Isso significa que Cristo, na sexta-feira santa parecia um vencido, arrasado. De que adiantava ter pregado como nunca ninguém pregou, ter passado a fazer o bem, ter feito milagres extraordinários, se estava ali, na cruz, entre dois ladrões, e morto, colocado morto nos braços de Maria, e depois enterrado, estava liquidado.

Mas não podemos esquecer, ao lado da cruz de Cristo, que a cruz de Cristo tem que ser completada pela ressurreição. Só que eu devo dizer: "Pare"! (para o progresso da humanidade, ainda é sexta-feira santa). E nós temos que apressar o amanhã da ressurreição. Pensemos na paixão de Cristo, completada pela paixão de Cristo hoje. Quais são as mais pesadas cruzes que Cristo carrega hoje? Cristo caiu três vezes no caminho do Calvário, e quem é que não encontrou ainda Cristo com cruzes pesadas, esmagado? Mas nós queremos é chegar à manhã da ressurreição, não só para a vida eterna, mas para que haja já esta vida como Cristo deseja, como ele veio trazer, uma vida e vida larga, humana para todos, e não uma supervida para um pequeno grupo e uma subvida. Não há super-homens, criaturas de Deus.

Vamos partir, sem ódio, sem violência, mas com resolução, com coragem, sem medo, para ajudar a criar um mundo mais respirável, mais justo e mais humano.

Helder Câmara
Arcebispo de Olinda e Recife.



Walter Ghelman

estar aqui. É verdade que se podia dizer: mas o Papa não veio? por que os bispos têm que ir? O Papa achou, que exatamente agora, que ele começou a conhecer nosso povo, agora que ele simpatizou tão profundamente com a nossa gente, agora que ele começou a conhecer nossos problemas, agora é que a nossa presença junto a ele é necessária para que juntos possamos refletir não só sobre os problemas das nossas áreas, do nosso País, do nosso Continente, mas do mundo inteiro.

Sabem por que é que eu tenho o maior interesse por este Encontro de Experiências de Medicina Comunitária? É porque: ou a saúde vem a ser encarada de maneira global, ou jamais chegaremos a uma mudança efetiva, real, profunda da saúde do nosso povo. Quem é que não sabe, sendo médico das nossas áreas latino-americanas, vivendo no terceiro mundo, que, quando os pobres procuram em massa hospi-

que o Brasil nos fale, nós pensamos sempre em América Latina, e pensamos no mundo inteiro. E as nossas mudanças aqui, só serão possíveis, com profundas mudanças também dos países ricos (vamos dizer, sem querer ofender a ninguém) que nos exploram. Durante um certo tempo eu falava em países ricos e sempre mais ricos, e colocava ao lado países pobres e sempre mais pobres; até que Paulo VI e ainda mais João Paulo II, disse: países ricos e sempre mais ricos, à custa de países pobres e sempre mais pobres, respeitando as diferentes denominações religiosas que provavelmente ou certamente se refletem aqui no encontro, respeitando mesmo quem não tenha uma crença cristã ou até quem esteja afastado de qualquer crença religiosa. Quem sabe até porque nem sempre temos religião (e, às vezes até, alardeamos a religião) nem sempre talvez tenhamos dado bom exemplo respeitando a todos.



Walter Ghelman

TRIBUNAL ATENDE OS CATADORES DE CAFÉ

O primeiro dissídio coletivo de trabalhadores rurais da Bahia foi julgado pelo TRT, que decidiu pelo atendimento à maioria das reivindicações dos 40 mil catadores de café dos municípios de Vitória da Conquista e Barra do Choça, no Sudoeste baiano. Em maio, durante os 13 dias de negociações com os fazendeiros, os lavradores estiveram em greve. Agora, além de terem reajustadas as diárias, eles passam a ter suas carteiras profissionais assinadas, equiparação salarial das mulheres com os homens e ainda transporte adequado para conduzi-los de casa para o local de trabalho. (JB — 17/09).

TRIBUNAL DA BAHIA CONDENA A ESSO A INDENIZAR FEIRANTES

A Esso Brasileira de Petróleo S/A foi condenada na 2ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça da Bahia a indenizar mais de 300 dos quase 2 mil feirantes que tiveram suas barracas queimadas durante um incêndio que destruiu, em setembro de 1964, a tradicional feira de Água de Meninos em Salvador. (JB — 17/09).

FAZENDEIRO EXPULSA NEGROS DE COMUNIDADE CENTENÁRIA NO INTERIOR DO MARANHÃO

Uma comunidade de negros no povoado Mandacaru dos Negros, no município de Matões, 513 Km de S. Luiz, está sendo expulsa de suas terras por capangas contratados pelo fazendeiro José Medeiros Leite. Ele mandou queimar casas, destruir roças, cercou um poço de água potável e proibiu os moradores de enterrar os parentes no único cemitério do lugar, construído após a abolição da escravatura. Para uma comissão do Centro de Cultura Negra do Maranhão, que esteve na região, foi implantado no povoado um regime segregacionista dos mais violentos. Apesar de possuírem uma escritura de compra datada de 1904, são banidos de suas terras — 3.600 hectares — onde nasceram seus avós, refugiando-se na periferia de Caxias e Teresina, para passar fome e viver de biscates. (JB — 22/09).

PROBLEMA DA FAMÍLIA É SOCIAL, DIZ D. PAULO

O principal problema das famílias brasileiras é de natureza sócio-econômica. A afirmação foi feita ontem no Ginásio do Ibirapuera pelo cardeal-arcebispo de São Paulo, Evaristo Arns, durante o Encontro das Famílias que reuniu cerca de 2.500 pessoas que atuam no movimento pastoral Encontro de Casais com Cristo. Ao justificar sua afirmação, D. Paulo afirmou: "Mais de 50% das famílias não têm a possibilidade de serem família porque não possuem a base econômica; com isso não têm a base cultural e não têm o relacionamento social". Acrescentou que essa situação gera a "insatisfação que não leva à harmonia e ao amor, que são essenciais na família". (FSP — 29/09)



BISPO DE PORTO NACIONAL ACUSA O GETAT

A "inoerância, omissão e conivência" do Grupo Executivo de Terras Araguaia-Tocantins (GETAT), criado pelo governo federal em fevereiro deste ano e subordinado ao Conselho de Segurança Nacional, foram denunciadas pelo bispo de Porto Nacional (GO), D. Celso Pereira de Almeida. Disse ele que "os posseiros não acreditam no GETAT porque seus funcionários são os mesmos que serviram ao INCRA e que nunca solucionaram nada. Tanto um quanto o outro órgão têm a mesma credibilidade na região". O bispo de Porto Nacional veio fazer um relato à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sobre os acontecimentos da região Norte de Goiás, conhecida como "Bico de Papagaio" e onde vem se verificando "frequentes agressões contra os posseiros, por parte da polícia e com apoio de autoridades judiciárias". (FSP — 19/09)

LIBERDADE, EVANGELIZAÇÃO E PROSELITISMO

"Iniciar uma ação, nos livros, na linguagem e na cultura, contra o racismo e contra as discriminações que afetam a mulher, e uma ação de apoio às comunidades indígenas". Esta foi a primeira conclusão do documento oficial divulgado pelo Encontro promovido de 15 a 20 deste mês em Itaici, SP, pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), que reuniu 80 delegados das Igrejas Episcopal, Evangélica de Confissão Luterana, Metodista e Pentecostal Brasil para Cristo. As outras 3 conclusões dizem: "2. Declarar a opção pela liberdade do homem, responsável em última instância exclusivamente diante de Deus, e que nenhuma ordem econômica, política, social, religiosa ou ideológica pode arvorar-se em senhora da sua consciência ou pretender o lugar do absoluto. O Estado, as instituições eclesiais, a ciência, a tecnologia se tornam ídolos quando pretendem transformar o homem em meio e a si mesmos em fins, deixando de colocar-se a serviço do homem e transformando-o antes em escravo. 3. Professar o direito de manter nossa consciência crítica, a postura profética diante de qualquer sistema totalitário, que, pretendendo afirmar-se como visão do mundo e estilo de vida, propugne o ateísmo em suas várias formas de manifestação. A partir deste princípio, negamos tanto o capitalismo quanto o comunismo. 4. Apoiar os grupos injustiçados que estão procurando a sua libertação, como os negros, os favelados e os grupos sindicais. Também

apoiamos as pequenas e médias empresas que vivem em situação financeira sufocante e criticamos as empresas transnacionais, escandalosamente favorecidas pelos recursos nacionais".

Essas 4 Igrejas Protestantes, que pertencem no Brasil ao CMI, estudaram e aprovaram em Itaici também um documento de Consulta sobre Evangelização e Proselitismo, no qual se mostraram integralmente de acordo com a linha pastoral assumida pela Igreja Católica em defesa dos direitos humanos e da justiça social. O documento propõe "revisar conceitos e testar a estratégia de evangelização na atual sociedade brasileira", e afirma que "se torna necessário um estudo sério e profundo de nossa história denominacional e de nosso relacionamento com as diversas manifestações vivas da sociedade brasileira; com isso a Consulta deve assumir o Compromisso do Evangelho com a busca de solução para os problemas que afligem o nosso povo".

Continua o documento: "Uma palavra deve ser dita no que se refere à confusão que às vezes muitos fazem entre Evangelização e Proselitismo. Evangelização é vida, é proclamação da obra salvadora e libertadora de Deus, em Cristo, em favor de todos os homens. Proselitismo é a concentração de esforços para o fortalecimento da instituição eclesial, confundindo-a com o Reino de Deus e transformando a Graça em Lei. Enquanto a Evangelização é um processo libertador, o Proselitismo é uma empresa opressora".

FAVELADOS E IGREJA BARRAM EXECUÇÃO DE ORDEM JUDICIAL PARA 160 DESPEJOS EM RAMOS

A execução da liminar de reintegração de posse na ação movida pelo Sr. Joseph Chanen contra 1 mil 200 pessoas que habitam os 160 barracos do Morro da Baiana, no final da Rua Professor Lacê, em Ramos, bairro do Rio de Janeiro, foi suspensa por 60 dias por intervenção direta da Pastoral de Favelas. Os executores vieram com operários munidos de marretas e picaretas, para executar a decisão do Juiz da 3ª Vara Cível. O acordo para suspensão da medida por 60 dias foi feito numa reunião na Arquidiocese do Rio de Janeiro, da qual participaram D. Romão, substituindo o Cardeal Eugênio Sales; Padre Inácio, da coordenação da Pastoral da Leopoldina e representantes de associações de moradores. (JB — 16/09)



POTIGUARAS SÃO SEQUESTRADOS

No dia 27/09/1980 três viaturas da polícia militar da Paraíba, invadiram a reserva Potiguara e seqüestraram os índios Daniel dos Santos (cacique) e Ednaldo Alves da reserva da Baía da Tradição, município do mesmo nome. Ironicamente esses índios foram seqüestrados mediante uma cilada (traição) pois os policiais que os seqüestraram, à paisana, convidaram-os na oportunidade para uma reunião na localidade de Forte, onde está instalado o posto da FUNAI.

Levados no CAMBURÃO para a cidade de Guarabira, distante 80 quilômetros da reserva, os índios somente foram libertados no dia seguinte 30/09 depois da pronta interferência dos próprios irmãos potiguaras que para lá acorreram em solidariedade.

As invasões sucessivas levadas a cabo por fazendeiros e usineiros em busca de áreas alheias para plantações de cana, são as causas principais do conflito pois privam cada vez mais os potiguaras de suas terras, que lhes pertencem há séculos. No entanto amparados no artigo 198 da Constituição Federal, que eles conhecem muito bem, os índios têm dado respostas seguras e pacíficas para a retomada de suas terras, apesar das ameaças dos invasores e da repressão da polícia estadual.

ÍNDIOS HOMENAGEIAM CACIQUE CRETÁ EM SUA FORMATURA

O Centro Educacional Indígena em Guarita, mantido pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB, e o Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão, da Fundação Nacional do Índio, FUNAI, formaram recentemente 31 monitores índios, 20 dos quais em educação bilíngüe e outros onze em técnicas agrícolas. Durante a formatura, o grupo homenageou o cacique Angelo Cretá, assassinado em uma emboscada no Paraná, quando lutava pelo reconhecimento das terras da reserva Mangueirinha, em mãos da Madeireira Slaviero.

Os 31 novos monitores indígenas representam as tribos Kaingang e Guarani, vivem nos três Estados da Região Sul. Eles fizeram este juramento: "Juramos trabalhar em prol da educação indígena bilíngüe, como forma de cultivar nosso idioma; dedicar aos nossos irmãos nosso esforço, nossa luta e nosso trabalho, pela conservação das nossas terras e de nossos direitos".

REFORMA AGRÁRIA E FIM DE HORA EXTRA EVITAM DESEMPREGO, ACHA LULA

Redução nas horas de trabalho semanal, com a eliminação das horas extras, para forçar as empresas a absorverem mais empregados, e a promoção de reforma agrária — conforme as peculiaridades de cada região — para fixar mão-de-obra no campo e evitar maiores migrações para os grandes centros urbanos foram as sugestões apresentadas ontem no Rio, em entrevista coletiva, pelo presidente do PT — Partida dos Trabalhadores, Luiz Inácio da Silva, o Lula, para evitar o desemprego no país.

PADRE PERUANO É PUNIDO POR SEU TRABALHO PASTORAL

O padre salesiano Alejandro Cusiamovich, autor de vários trabalhos de pastoral como "Nos ha liberado", "Llamados a ser libres" e colaborador assíduo do Centro de Estudos de Pastoral do famoso teólogo Gustavo Gutierrez, foi punido pela Provincia Salesiana do Peru com uma "suspensão canônica" que o impede de exercer suas funções sacerdotais e inicia seu processo de expulsão da congregação. Padre Alejandro trabalha na Juventude Operária Católica desde 1964, formou-se na França e desde 1970 é assistente nacional da JOC peruana. Sempre trabalhou com os setores populares. Em 1975 escreveu o livro "Desde los pobres de la Tierra", um ensaio teológico da vida religiosa a partir da experiência das Comunidades de Base. Este livro é criticado por dois censores em Roma e pelo seu provincial no Peru. Desde então padre Alejandro é proibido de fazer conferências para religiosos e religiosas sem prévia permissão do superior. Mais uma vez evidenciam-se as contradições internas da Igreja Católica: propondo-se servir aos pobres — como proclamado em Puebla — não consegue suportar, em determinados casos, as atitudes concretas dos que militam nas suas fileiras. Prova de que a democratização das bases é um ideal a ser atingido numa instituição fortemente hierarquizada.



Solano José

NOTA DA CNBB (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS BRASILEIROS) A SER LIDA NAS MISSAS, DURANTE O SERMÃO.

"O primeiro dever da Igreja é pregar o Evangelho de Jesus Cristo. O Evangelho vale para todos os aspectos da vida humana, individual, familiar, profissional e social. Por isso a Igreja nunca poderá desistir de pregar o Evangelho inteiro de Cristo, também com suas aplicações sociais. A Igreja não pode pregar um Evangelho pela metade. Por isso temos de pregar o Evangelho dentro da realidade brasileira, e não o Evangelho desligado da realidade da vida de nosso povo. Padre Vito Miracapillo é um jovem sacerdote italiano que veio há cinco anos para o Brasil, cheio de idealismo, para pregar o Evangelho de Jesus Cristo. Ele era vigário de Ribeirão, no Estado de Pernambuco, lugar onde muitas injustiças são praticadas contra os pobres. Ele pregou o Evangelho denunciando aquela situação social de injustiça, e os que faziam as injustiças não gostaram. Tomaram como pretexto umas coisas que ele disse no dia 7

de setembro, como se ele não gostasse do Brasil, e pediram ao Governo para mandá-lo embora. É pena, porque Padre Vito não disse nada de errado, e naquele dia rezou três missas. Ele gosta do Brasil mais do que eles todos que fazem injustiças com os pobres.

O Governo, então, resolveu expulsar o Padre Vito. Um advogado pediu ao Supremo Tribunal para não deixar, mas não adiantou, e o Padre Vito foi mandado de volta para a terra dele. O que vai acontecer agora? A Igreja vai deixar de pregar o Evangelho inteiro? Não. É preciso obedecer mais a Deus do que aos homens (At. 4,19). A Igreja vai continuar a pregar o Evangelho todo, também as coisas sociais. Desde o tempo de Jesus Cristo, muita gente morreu, outros ficaram presos ou apanharam porque pregaram o Evangelho. Por isso a perseguição hoje não deve nos assustar. Um foi mandado embora. Mas o exemplo dele vai fazer aparecer 10, 20, 50, com coragem de pregar o Evangelho e chamar pelo nome tudo o que é injustiça." Documento assinado por D. Clemente Isnard, vice-presidente da CNBB.

EMPRESA DE ANGRA DESTROÍ LAVOURA, ACUSAM SINDICATOS

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio (Fetag), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Angra dos Reis e a Comissão Pastoral da Terra, denunciaram que prepostos da Companhia Metalúrgica Barbará estão destruindo com tratores as lavouras de banana, feijão e inhame de trabalhadores que há mais de 50 anos vivem e trabalham na Fazenda Japuiba, distrito de Angra-RJ. As entidades e a Pastoral exigem das autoridades estaduais e federais a desapropriação daquelas terras, há anos reivindicada pelos trabalhadores e "única medida possível capaz de restabelecer a paz social na região", conforme nota distribuída à imprensa. Advertem que a violência cometida pela Metalúrgica Barbará contra os agri-

cultores "não tem qualquer amparo legal, uma vez que a liminar judicial, datada de 1976, que favorecia a empresa em detrimento dos lavradores, foi revogada pelo juiz da comarca". Na Fazenda Japuiba vivem mais de cem famílias e as arbitrariedades cometidas pela firma criaram no município um clima de grande tensão. A Fetag esclareceu que "todo o município de Angra dos Reis é considerado, por decreto presidencial, área prioritária de reforma agrária". As lideranças dos trabalhadores rurais e a Pastoral da Terra salientam que "a crise de abastecimento que atinge as grandes cidades tem sua causa primeira na destruição das lavouras dos trabalhadores rurais. A violência que se verifica nas filhas do feijão apenas dá seqüência à violência anterior sobre lavradores e o produto do seu trabalho".

Prezado amigo:

Queremos agradecer, em nome de todos os lavradores do Brasil e dos colegas que trabalham na Comissão Pastoral da Terra, pela sua carta de solidariedade aos lavradores e de protesto contra a violência, armada pelos detentores do poder econômico com a cobertura do poder político e judiciário.

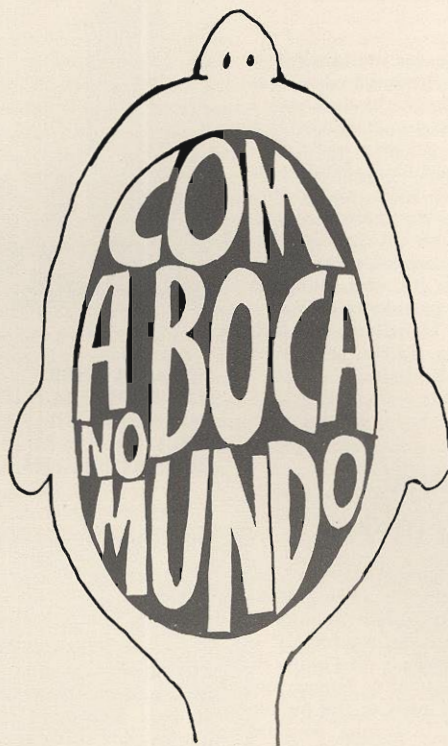
Com a sua, chegaram também 122 cartas do mesmo teor, vindas de vários países (Alemanha Ocidental, Canadá, EUA, Suíça, França, Bélgica, Dinamarca, Austrália, Finlândia, Inglaterra, Nova Zelândia, Luxemburgo, Holanda). Isso demonstra a atenção que o problema agrário e a falta dos direitos mais elementares dos lavradores despertam no mundo inteiro nos que se preocupam com os problemas do homem.

Por esta razão queremos apresentar-lhe outros fatos tão graves quanto as mortes dos dois líderes sindicais, das quais falava sua carta, ocorridos recentemente e que demonstram como o problema agrário e o sofrimento dos lavradores está longe de ser resolvido.

• 13/14 de julho: As máquinas da CHESF (Comp. Hidroelétrica do São Francisco) invadem as terras de 200 lavradores na área de Petrolândia, em Pernambuco.

• 17 de junho até 25 de julho: Na área do GETAT (Grupo Executivo de Terras do Araguaia Tocantins), policiais executam ordem de despejo do Juiz de Araguaína, João Batista de Castro Neto, usando violência contra posseiros e suas famílias, destruindo e queimando casas em Sítio Novo, Itaguatins, Água Amarela, São Sebastião do Tocantins, Sumaúma, no Estado de Goiás.

• 19 de agosto: Campanha de difamação e ameaças de morte contra Dom José Brandão, bispo de Propriá,



por ter denunciado crimes de morte perpetrados contra lavradores pelas famílias dos Britos, Calixto, Vasconcelos e Cravo no Estado de Sergipe.

Na Missa de desagravo ao Bispo foram presos o presidente do Sindicato, Geraldo Pedro dos Santos, cinco posseiros e um deputado da oposição foi agredido pelos policiais que sitiavam a cidade de Propriá.

• 25 de julho: O peão Constâncio Soares, de São Gabriel, no Rio Grande do Sul, é espancado e morto por três policiais a mando do fazendeiro Odacyr Bernardin.

• 2 de agosto: Assassinato do líder sindical José Francisco da Silva em Correntes, Pernambuco, por pistoleiros do Fazendeiro Carlos Silva.

• Junho a agosto: No Município de Parnarama, Maranhão, no dia 8 de junho, foi encontrado morto o lavrador José Bertulino; em julho foram mortos Antônio Genésio Veras e Napoleão, e a 5 de agosto foi encontrado o corpo de Cícero Catarino, todos mortos por pistoleiros do fazendeiro Eugênio de Sá Coutinho.

• 14 de setembro: Os lavradores Ferreira Lima, Antônio Bento e Dante são mortos, e o lavrador Mineirinho é seqüestrado por fazendeiros em Conceição do Araguaia, Pará.

• 9 de setembro: Em Axixá, norte de Goiás, na área do GETAT, foram presos vinte posseiros e dois padres: o Pe. Henrique des Rosienes e o Pe. Janus Orłowski, polonês, vigário da paróquia, por ordem do juiz de Araguaína, João Batista de Castro Neto. O Pe. Henrique foi ameaçado de morte por fazendeiros da mesma região.

Não podemos esquecer as chacinas realizadas pelos índios Txukarramãe do Xingu, que mataram dez peões a 12 de agosto, e a dos índios Gorotire, que no dia 1º de setembro mataram vinte e uma pessoas numa fazenda, na área de Conceição do Araguaia, Pará, resultado de uma política indigenista governamental gravemente negativa e da contínua prorrogação das demarcações das terras indígenas.

Em todos esses casos, as autoridades ou não tomaram nenhuma verdadeira e séria providência para solucionar os problemas e para punir os culpados, ou não passaram de atitudes paliativas.

Pedimos-lhe que continue a denunciar, a divulgar os fatos e a exigir das autoridades brasileiras que seja feita justiça e realizada a Reforma Agrária.

Queremos, por fim, lembrar, caso escreva novamente: o Ministro da Agricultura é o sr. Amaury Stábile.

Conte conosco para tudo o que favoreça uma autêntica solidariedade internacional.

Atenciosamente:

(as.) Ivo Poletto
Comissão Pastoral da Terra
Rua 65 nº 791 - Setor Sul
Cx. Postal 749
74000 — Goiânia — GO.

OS DEUSES DO POVO

Um estudo sobre a religião popular

Carlos Rodrigues Brandão

Brasiliense

Quem leu **Memória do Sagrado** terá motivos para querer ler **Os Deuses do Povo**. Este livro (306 páginas), editado pela Brasiliense, é a segunda parte dos estudos feitos pelo Autor no interior de São Paulo.

Após haver feito a reconstrução crítica do mundo religioso de uma cidade paulista do interior (e quantas outras não tiveram mais ou menos a mesma história?), o Autor dedica-se a um exame a fundo do modo como operam a ordem e a ideologia das religiões populares que ele encontra ali: o sistema comunitário do catolicismo popular de camponeses, operários e bóias-frias; o sistema religioso eclesialístico do pentecostalismo popular (o que existe abaixo das grandes igrejas pentecostais); e o sistema de agências dos grupos mediúnicos populares. Após haver descrito as formas de recrutamento, formação e as regras de hierarquia religiosa em cada um dos grupos, ele examina as categorias de fiéis, clientes e leigos seguidores. Procura, então, fazer uma importante discussão a que muito oportunamente chamou de: **Os**

Dez Mandamentos, sobre as regras e os códigos de relações políticas do religioso, dentro e fora de cada grupo confessional, dentro e fora de cada religião e, muitas vezes, no ponto crítico das relações político-religiosas entre elas.

Nos últimos capítulos do livro, Carlos Rodrigues Brandão discute a questão da ideologia religiosa. Ele busca, então, demonstrar como o catolicismo popular — um sistema religioso próprio, não-eclesialístico — tem modos próprios de se apropriar do saber e do sistema de símbolos da religião oficial de modo a recriar um universo simbólico e um corpus ritual adequado ao modo de vida dos sujeitos subalternos que os constituem e praticam.

Finalmente, depois de haver dedicado dois ou três capítulos de uma fina e profunda análise à ideologia do catolicismo popular, Carlos Brandão discute a ideologia sectária e, a seu modo, popularmente revolucionária, do pentecostalismo popular. Talvez aí estejam contidos alguns dos momentos mais criativos e renovadores da análise da religião popular no Brasil.

O livro é caro, às vezes difícil — muito embora de uma leitura leve e quase literária — mas a sua consulta é obrigatória.

SACERDOTES DE VIOLA

Carlos Rodrigues Brandão
Vozes

Hoje em dia uma das séries mais completas de estudo sobre o catolicismo popular no Brasil é a de Carlos Rodrigues Brandão. Após pouco mais de cinco anos de pesquisas e publicações sobre o assunto em Goiás (Cavalhadas de Pirenópolis; o Divino, O Santo e a Senhora; Peões, Pretos e Congos; A Folia de Reis de Mossâmedes; A Festa do Santo de Preto; A Dança dos Congos da Cidade de Goiás), Carlos Brandão publica, com **Sacerdotes de Viola**, o primeiro resultado de seus estudos sobre rituais religiosos de negros e camponeses de São Paulo e Minas Gerais.

O livro tem uma estrutura diferente da dos outros. Não está dividido em capítulos, mas em *ciclos*. Cada um dos ciclos inclui: a descrição de um ritual religioso do catolicismo popular (escrita como uma quase reportagem); a discussão de alguns casos equivalentes; a análise de alguma questão religiosa que a descrição suscita. Assim, em **A Folia de Reis** (1º ciclo), o Autor discute, com muita felicidade, a questão das trocas simbólicas praticadas entre camponeses através de um ritual religioso. Ele recorre a um texto exemplar de Marcel Mause (**Ensaio sobre o Dom**) e mos-

tra como o ritual católico da Folia de Reis traz, para o terreno do sagrado, a prática costumeira das trocas de serviços e de favores entre camponeses do Brasil. Em **A Dança de São Gonçalo** ele abrange de modo profundo e muito criativo, a questão da promessa no catolicismo popular. Da mesma forma, no ciclo da **Dança de Santa Cruz**, trata do modo como a comunidade católica cria e revive símbolos e rituais para amar-se a si mesma e preservar simbolicamente os seus laços mais profundos de identidade, através das palavras e dos atos de sua fé religiosa. No **Ciclo de São João** analisa os recursos, as lutas e as estratégias que o catolicismo popular inventa para não "morrer na cidade", depois de haver "nascido na roça". No **Ciclo de São Benedito**, traz para a análise antropológica uma questão até hoje discutida no Brasil: as condições da preservação e da perda da "memória ritual". No **Ciclo do Divino Espírito Santo**, ele faz a análise da "violência ritual e do controle ritual da violência".

Muitos dos aspectos descritos de longe e muitas das questões da religião popular sobre as quais há tantas afirmações e tão pouca combinação feliz de pesquisa e análise, encontram em **Sacerdotes de Viola** um dos seus melhores momentos.

MEMÓRIA DO SAGRADO: Religiões de uma cidade do interior

Cadernos do ISER 1

Carlos Rodrigues Brandão

Com este **Memória do Sagrado** o ISER acrescenta à bibliografia da **Religião no Brasil** uma contribuição inestimável. Pelo menos dezesseis volumes estão previstos para a publicação de uma série que dá conta do Programa de Pesquisas sobre Religião e Sociedade no Brasil. Sob a coordenação geral de Rubem Alves, e com as coordenações específicas de Elter Dias Maciel, de Carlos Rodrigues Brandão e de Rubem Cesar Fernandes, atual presidente do ISER, este Instituto, dedicado há vários anos aos estudos e aos debates sobre a questão religiosa



no Brasil, começa a oferecer ao leitor interessado uma seqüência de relatórios de pesquisas realizadas por alguns dos principais estudiosos do assunto no

país. Praticamente nenhuma das questões políticas das relações entre a religião e a sociedade no Brasil ficará de fora desta série. Praticamente nenhum dos problemas mais importantes e, com frequência, mais graves e conflitivos das relações entre igrejas, grupos religiosos, movimentos e facções confessionais ou ideológicas dentro da religião, deixará de ser tratado.

Memória do Sagrado reconta a história da constituição do campo religioso em uma cidade do interior de São Paulo. Ao recontar essa história, o Autor cria um modo absolutamente renovador de fazer, entre nós, a reconstrução das relações políticas entre sujeitos e grupos de várias religiões e igrejas. Ao invés de se dedicar exaustiva-

mente à narrativa da história de uma Igreja ou de uma confissão religiosa, o que com frequência retira da narrativa toda a trama de relações em que os fatos na verdade se deram, ele procura discutir a formação social de um universo de grupos e de segmentos religiosos. Assim, coloca ele em destaque justamente o que os estudos mais tradicionais ocultam, ou seja: o modo como cada grupo religioso, cada igreja, cada agente religioso constitui estratégias de relações políticas com outros grupos e agentes religiosos, marcadas por trocas, que vão da aliança ao conflito aberto, de modo a constituírem um lugar legítimo para a "minha igreja", em um campo de relações do sagrado cada vez culturalmente mais variado e politicamente mais complexo.

Bíblia Hoje *Libertação e Espiritualidade*

Cláudio Perani

Numa perspectiva de fé, não é difícil reconhecer o sopro do Espírito que atingiu a América Latina. No Brasil e nos outros países do Continente assistimos à renovação de uma “igreja que nasce do povo”, de uma igreja que opta pelos pobres e torna-se “igreja dos pobres”, entendida não como igreja paralela, mas como centro renovador e integrador da igreja toda. É uma caminhada, ainda iniciante, com todos os limites de um processo humano, mas já dá para perceber os frutos: recria-se a igreja, suas estruturas, funções e mentalidade são renovadas, opera-se uma mudança, uma conversão, uma “passagem”, em sentido bíblico.

Tal renovação — necessariamente — atinge também a espiritualidade, quer dizer, o caminho concreto do encontro com Deus, da procura e da manifestação do Espírito, da compreensão e vivência da fé. Na tradição católica, espiritualidade é o caminho da perfeição que se resume na vivência do único mandamento: “amar a Deus e ao próximo”. Quer iluminar a relação pessoal do homem com Deus, considerando a globalidade da existência cristã. Se existe uma única espiritualidade cristã, no sentido de assumir os dados fundamentais do Evangelho, ao mesmo tempo as realizações concretas da vivência evangélica podem variar historicamente. Hoje, na América Latina, surge um novo caminho, uma nova luz se manifesta. Para muitos há como uma passagem das trevas para a luz: antes, no depoimento de muitos — apesar de várias práticas espirituais — não se enxergava, parecia tudo correr bem ao próprio redor. Nas palavras do profeta: “Exclamam: Tudo vai bem! Tudo vai bem! quando tudo vai mal” (Jr 6.14). Agora descobre-se a injustiça, o pecado, a equivocidade da própria situação e se quer mudar.

Há várias experiências em diversos lugares, no Brasil e na América Latina toda, diferentes entre si, mas também apresentando coincidências reveladoras. Experiências cristãs vividas antes de serem refletidas, mas que demonstram que o Espírito do Senhor está presente em nossa história.

Sobre tais experiências queremos refletir, não para sistematizá-las numa doutrina fechada, mas simplesmente para recolhê-las, aprofundar certos itens, com a intenção de prestar um serviço e incentivar a procura (1). Também porque há dúvidas e acusações que podem dificultar a descoberta do Senhor. Afirma-se que diminui a oração e desaparece a vida espiritual e que há uma demasiada

insistência no aspecto sócio-político; há o medo de que, valorizando os pobres, se esqueça de Deus.

Este breve artigo, que pretende dirigir-se prioritariamente aos agentes de pastoral, é, por isso, limitado aos dados e ao enfoque relativos às experiências de padres, freiras e leigos comprometidos com a pastoral popular, sem excluirmos lideranças populares comprometidas no trabalho.

Apesar de o povo, em sua vivência de fé, ser referência fundamental, aqui não se diz nada da espiritualidade dos camponeses, operários, moradores de bairros populares, etc. Seria importante para caracterizar o que podemos chamar de “espiritualidade da libertação”. É o limite da nossa perspectiva.

Os Fatos

1. O ponto de partida, habitualmente, é o contato com a situação concreta de opressão dos setores populares. São padres, freiras, leigos, comunidades religiosas, grupos de jovens ou de profissionais que mudam de lugar e se aproximam dos pobres. Pobres considerados não abstratamente, mas na realidade de sua intenção social: são a maioria da população brasileira, são as multidões, os camponeses, os operários, os pequenos funcionários, os biscateiros, as empregadas domésticas, os moradores de favelas, os índios, etc.

Há vários níveis de contato: da solidariedade que se expressa em diferentes formas, das visitas periódicas, até à convivência morando ou trabalhando com os pobres, modificando o próprio estilo de vida, a própria mentalidade.

1. Bibliografia consultada: GUTIÉRREZ, G., *Teologia da Libertação: perspectivas*, Petrópolis, Vozes, 1975; id., *Teologia desde el reverso de la historia*, Lima, CEP, 1977; VÁRIOS, *Cruz y Resurrección*, México, CRT-SERVIR, 1978; VÁRIOS, *Experimentar Deus hoje*, Petrópolis, Vozes, 1974; SEGUNDO, J.L., *Libertação de la Teología*, Buenos Aires, Lohlé, 1975; GALILEIA, S., *Espiritualidade da libertação*, Petrópolis, Vozes, 1975;

CASTILLO, A., “La Espiritualidade Latinoamericana emergente”, *Christus*, n. 500, julho de 1977, pp. 49-53; EQUIPE TEÓLOGOS CLAR, *Pueblo de Dios y Comunidad Libertadora*, Bogotá, CLAR, 1977; PAOLO, A., *Diálogo de la liberación*, Buenos Aires, Lohlé, 1970.

2. Conclusão da Conferência de Puebla, Ed. Paulinas, n. 17, do texto provisório.



Neste primeiro contato é imediato o conhecimento da opressão, da escravidão e das injustiças que o povo sofre. Mas há também o desejo de compreender melhor a situação e de conhecer suas causas para contribuir numa mudança. Entra aos poucos a prática de uma análise da realidade antes desconhecida, mas que se revela importante para a formação de uma consciência mais crítica. Não somente se constata a opressão do povo; impressiona sobretudo sua coragem, sua resistência, sua luta, sua fé que continuam firmes nas maiores dificuldades e suscitam admiração e desafio nos agentes de pastoral.

Outros contatos se revelam importantes: o encontro e a colaboração com pessoas dedicadas à causa do povo, que escutam seus clamores, mas que não expressam a fé cristã. Tal encontro, muitas vezes, ajuda para descobrir certo fechamento eclesial, questiona atitude e mentalidades.

Por último, lembramos a contribuição de nível mais teórico — que às vezes é ponto de partida — oferecida por cursos e seminários, pelos documentos oficiais (Vaticano II — Medellín — Puebla — CNBB) e pela teologia da libertação (Gutiérrez, Boff, Mesters, etc.)

2. A consequência deste impacto — a depender evidentemente da liberdade de cada um — é o conflito e a ruptura com a segurança anterior, com os antigos esquemas e instrumentos que alimentavam a vida espiritual, com as instituições e os métodos utilizados no trabalho apostólico. Opera-se uma ruptura com tradições familiares, com a formação recebida no seminário, com a comunidade religiosa, com os símbolos cristãos tradicionais, com certos momentos litúrgicos. O cristão é questionado nas suas motivações mais profundas, nos conceitos de fé mais fundamentais: a Igreja, Jesus Cristo, Deus.

A antiga segurança e o conjunto de práticas religiosas revelam-se impotentes diante do clamor da miséria. Pior ainda, muitas vezes aparecem como uma espécie de prisão ou favorecendo a situação de opressão, mesmo quando pretendem eliminá-la. Nas palavras de uma pessoa do povo: “Antes os padres fechados nos seus conventos, e as freiras também, não podiam dar-se conta da verdadeira situação. Creio que nem eles mesmos conheciam verdadeiramente a Deus e faziam-nos conhecê-lo como eles criam”. Descubra-se uma imagem de Deus e de igreja vinculada ideologicamente com a ordem atual que discrimina e oprime a maioria do povo. Não pode não haver um forte questionamento e uma reação.

3. Ao mesmo tempo existe uma decisão, prévia a qualquer ulterior explicação, uma opção por uma vida comprometida com os pobres, a serviço deles, engajada na luta crucial da nossa época. Há como uma intuição firme de que este é o caminho do compromisso cristão. E, em consequência, o caminho do encontro com Deus: “Quando quero encontrar a Deus, visito as roças, entro nos casebres...”. A ruptura anterior não resulta num abandono ou numa revolta estéril, ao contrário, a opção pelos pobres significa uma resposta a um apelo, um compromisso vital que abrange a existência toda e projeta nova luz também na relação com Deus. Constitui-se no critério fundamental de renovação e sintetiza a característica principal da nova espiritualidade. É aquilo que teremos que aprofundar.

Marcos Fundamentais

Opressão do Povo

“À luz da fé, vemos a distância crescente entre ricos e pobres como um escândalo e uma contradição com o ser cristão. O luxo de uma minoria constitui um insulto à miséria das grandes massas. Esta situação é contrária ao desígnio do Criador e à honra a ele devida. Nesta angústia e dor, a Igreja discerne uma situação de pecado social, aliás, bem mais grave por acontecer em países que se dizem católicos e que têm a capacidade de poder mudar tal situação: Que sejam derrubadas as barreiras da exploração... contra as quais são impotentes os melhores esforços de promoção” (2). O texto de Puebla sintetiza, interpreta o que se passa ao constatar o clamor do povo e sua opressão.

Há um impacto nas pessoas que entram em contato mais direto e verdadeiro com a situação do povo ao constatar a gravidade e o escândalo desta mesma situação. Como compreendê-lo?

— Não se trata unicamente de um momento sociológico, quer dizer, de um simples conhecimento, espontâneo ou científico, mas que fica no nível da compreensão da realidade pelo que oferece exteriormente. As análises são necessárias, há níveis de realidade que são econômicos, sociais e políticos, e são conhecidos enquanto tais. Mas a compreensão vai além.

— Nem se trata de um simples momento emocional, que pode estar presente e influir: o sofrimento que sinto ao descobrir a situação do outro, a angústia do contraste com o meu bem-estar ou o sentimento de culpa.

— É um momento teológico, quer dizer, é um momento de revelação: revela-se o escândalo da injustiça e do pecado social; revela-se o juízo de Deus que condena; revela-se o apelo de Deus que convida ao compromisso. A situação é algo — e é compreendida como tal — que grita vingança aos olhos de Deus. Na linguagem bíblica é o “tempo” de Deus, tempo de visita (Lc 19.44), tempo favorável (2 Co 6.2), tempo de julgamento e de definição, carregado de esperança (Rm 13.11). Está relacionado com atos particulares de revelação e de salvação operados por Deus. Para os opressores é tempo de desgraça, para os oprimidos, de libertação. É tempo de graça: há a percepção do mal e, contemporaneamente, da presença e da força de Deus que salva. Na linguagem da tradição espiritual é um momento do agir dos espíritos, quando se impõe uma decisão pessoal.

Tudo isso pode não estar refletido explicitamente; aliás muitas vezes as palavras “espírito”, “fé”, “graça”, “Deus”... não aparecem — também porque ligadas a uma experiência alienante de espiritualidade —, mas estão presentes nas reações e nos passos encaminhados pelos agentes. O povo em sua situação concreta é a mediação visível: somos por eles questionados e convertidos. Compreendemos que não se pode ir ao povo impunemente.

A ruptura se dá também com determinadas estruturas de igreja e com um caminho de espiritualidade que acompanhou e sustentou até hoje, dando segurança e alegria. Apesar de haver o perigo de confundir as diversas lutas, talvez esta última seja a ruptura mais dolorosa porque mais pessoal. Descobre-se que os valores mais santos — amor, paz, unidade, oração... — foram desfigurados numa estrutura de exploração. As mesmas idéias de Deus e de Jesus Cristo são instrumentalizadas e postas ao serviço dos opressores. Por várias razões históricas e atuais o que chamamos de sinais “religiosos”, “espirituais”, “sacramentos”, de fato, muitas vezes não revelam o Deus libertador, mas um Deus alienado e alienante, separado da vida, comprometido com o poder. Nossas atuais estruturas e símbolos carregam o peso de uma violência que remonta às origens da evan-

gelização da América Latina. Segundo as palavras de uma bula papal de 1943: “A fé católica e a religião cristã, sobretudo nos nossos tempos, seja exaltada e em toda parte ampliada e dilatada, procure-se a salvação das almas, deprimam-se as nações bárbaras e sejam elas reduzidas à fé”. Apesar de mudanças profundas, uma certa aliança cruz-espada corre o risco de guardar submissos, como uma vez os índios, hoje os camponeses e os operários.

Neste nível a espiritualidade da libertação revela sua tarefa prioritária: a de não se contentar com palavras e símbolos teóricos, mas de considerá-los no condicionamento histórico, cumprindo o papel de desmascarar os equívocos. A confrontação é sempre com o critério dos pobres. Já S. João, mestre de espiritualidade, afirmava: “Aquele que diz estar na luz, e odeia o seu irmão, jaz ainda nas trevas” (Jo 2.9). Tudo o que aparentemente é palavra de luz, mas de fato é treva, deve ser abandonado. Não é Deus, mas um ídolo. O conhecimento de Deus deve estar ligado à causa concreta da libertação. Não é possível crer no Deus libertador sem participar do processo de libertação.



A Conversão

“Não vos conformeis com este mundo, mas reformai-vos pela renovação do vosso espírito” (Rm 12.2). O impacto recebido não significa necessariamente uma escolha e uma mudança. Pode-se fugir, deixando de se comprometer com a luta do povo. Para outros, nessas condições de luta, pode desaparecer o encontro com o Senhor. Muitas vezes a resposta dá início a um caminho difícil de renovação, numa palavra tradicional, de “conversão”, mas com aspectos particulares que devemos analisar.

Positivamente, a mudança significa uma solidariedade com os pobres e com sua luta. “Pobre” — como vimos — é purificado do sentido falsamente espiritual, para adquirir o conteúdo concreto das categorias sociais oprimidas na América Latina. “Nesta categoria se encontram principalmente nossos indígenas, agricultores, operários, marginalizados na cidade” (3). Pobres, também, enquanto estão tomando consciência de sua exploração, vão-se organizando e lutando por mudança de estruturas.

A solidariedade é com os pobres e com seus movimentos, participando da luta política para eliminar as injustiças. Contemporaneamente, é através dessa solidariedade que se reconhece que o Espírito de Jesus está nos pobres e anima sua luta. São os pobres que permitem a renovação da igreja: “Nestes anos aparece cada vez mais claro para muitos cristãos que a igreja, se quer ser fiel ao Deus de Jesus Cristo, deve tomar consciência dela mesma, a partir de baixo, dos pobres deste mundo, das classes exploradas, das raças depreciadas, das culturas marginalizadas” (4). São os pobres que tornam possível a busca de Deus; são eles que têm nas mãos as chaves do Reino de Deus (Lc 16.9).

Espiritualidade da libertação significa escolha particular, identificação sociológica parcial: o compromisso com os pobres. Tudo é enfocado a partir deles, que aparecem como a chave para compreender o sentido da libertação e a revelação do Deus libertador. É o mesmo caminho de Jesus, da escolha dos pobres, da fraternidade, e, por isso mesmo, caminho de polêmica e de conflito com o poder.

Negativamente, a mudança significa uma dúplice ruptura: com os poderosos do mundo e com determinadas estruturas de igreja.

A ruptura se dá com o poder opressor que tem nomes bem concretos: estrutura capitalista, multinacionais, regime ditatorial, classe burguesa, latifundiários... E também com a mentalidade que justifica a ordem atual e que sutilmente penetra em tudo e em todos, até nas mentes dos oprimidos, tornando o discernimento mais difícil. Começa-se a viver na oposição: oposição ao atual regime, à sociedade atual que explora através de mil formas bem concretas; com as exi-

gências de uma nova ascética (disciplina e austeridade de vida) e as conseqüências previsíveis de uma eventual repressão. Tudo isso já se verificou, tornando atual uma igreja perseguida que renova o testemunho da igreja dos mártires.

Análise da Realidade

Devemos retomar e aprofundar o problema do instrumento de análise da realidade, pois adquire uma função importante na nova espiritualidade da libertação. Esta caracteriza-se por não ser abstrata, mas por tentar ser histórica, considerando o espírito dentro de seu condicionamento estrutural. Uma espiritualidade que renova a melhor tradição da teologia da encarnação.

Isso se dá, em primeiro lugar, pelo contato e compromisso com os pobres. A partir daí tem início um processo de desideologização, quer dizer, de desmascaramento de vários conteúdos pseudo-cristãos, pseudo-libertadores. Mas não é suficiente. As ciências humanas hoje colocam à disposição dos homens vários instrumentos, limitados e parciais, mas sem dúvida indispensáveis, se se quer ver atrás das aparências e suspeitar do que é habitualmente afirmado para desmascarar os equívocos, as falsidades, a opressão. Tanto mais indispensáveis quando sabemos que as classes dominantes são aquelas que fabricam e veiculam as idéias dominantes da sociedade, idéias que contaminam também a igreja, a teologia e a espiritualidade.

Tradicionalmente o espírito era relacionado com o “coração” do homem e não com as estruturas da sociedade, consideradas simples palco das ações humanas; hoje reconhece-se que tudo aquilo que tem a ver com o espírito está intimamente relacionado com a presente situação social, com o modo de produção econômica, com o regime político... Se não se compreendem tais mecanismos estruturais e ideológicos, em lugar de refletir a Palavra de Deus, se corre o risco de ser um inconsciente porta voz das idéias da classe dominante.

A escolha do instrumento de análise não é fácil. As várias sociologias são imperfeitas e limitadas, mas devem-se escolher aquelas que permitem com maior acerto uma crítica do poder opressor. Os religiosos, por exemplo, através de seu organismo oficial, a CLAR, chegam a optar pela “teoria da dependência nos mesmos termos e com os mesmos alcances com que foi assumida em Medelín (...porque) é uma teoria que aponta para uma praxis libertadora, evangélica” (5).

Há necessidade de uma crítica da economia política da dominação que nos leve a assumir o caráter antagônico do conflito entre dominador e dominado; sem isso é impossível uma verdadeira identificação com os pobres e se corre o risco de ficar numa aproximação puramente verbal ou com os vícios do antigo paternalismo, que podia ser generoso e sacrificado mas não contribuía para a luta do povo.

Neste nível a espiritualidade da libertação não oferece um conteúdo novo, simplesmente um método para discernir

3. *Ibid.*, n. 898.

4. GUTIÉRREZ, G., *Teología desde el reverso de la historia*, Lima, CPE, 1977, p. 54.

5. EQUIPE TEÓLOGOS CLAR, *Pueblo de Dios y Comunidad Libertadora*, Bogotá, CLAR, 1977, pp. 40-41.

melhor. Mas tem suas conseqüências: a necessidade de uma ação concreta coerente com a análise feita e com as causas descobertas. A espiritualidade da libertação pretende ser eficaz. Quanto a isso a fé se revela como insuficiente. Daí o recurso à mediação das ideologias. “Neste sentido positivo, as ideologias aparecem como necessárias para a vida em sociedade, na medida em que são mediações para a ação” (6). A espiritualidade libertadora assume tais mediações para poder concretizar uma ação eficaz. É política, evita a falsa imparcialidade do “espírito”, não tem medo de ser parcial. Pode-se dizer, ao contrário, que representa a possibilidade e capacidade de desempenhar conscientemente o papel ideológico do qual depende a real libertação dos homens. Porque adesão ao absoluto da fé e de Deus, “se deixa interpelar e enriquecer pelas ideologias no que têm de positivo” (7). A nova espiritualidade aparece como capacidade de fazer convergir numa unidade existencial a contribuição da reflexão científica e da reflexão teológica, onde são assumidos como fundamentais os conteúdos econômicos e políticos.

O Problema da Fé

Permanece fundamental o problema da fé. Aparece claro o compromisso político, a unidade de visão e de ação. Para isso foi necessário sacrificar algo de fundamental da tradição cristã? Vimos que o impacto suscitado pela presença dos pobres e pela constatação da injustiça, pode ser interpretado como revelação de Deus. Mas o que significa isso? Que Deus? Que fé?

Devemos, nesta altura, explicitar o problema da fé cristã em seu sentido específico, no seu aspecto de transcendência. Sabemos que essa transcendência se historiciza, tanto nos conceitos como na prática da nossa fé. Há, porém, necessidade de refletir sobre o que há de transcendência nessa fé: sua relação com a origem evangélica, com a gratuidade de Deus de oferecer o dom do Reino, com o fato de nos remeter a uma realidade superior e transcendente que não se identifica simplesmente com os pobres e sua luta apesar de estar aí presente. Devemos falar em Deus, Criador e Senhor do céu e da terra. Tal reflexão é importante, inclusive porque a nova espiritualidade, exatamente neste ponto, é acusada de horizontalismo e de secularização (esquece a dimensão vertical, transcendental, elimina o céu). Não somente; às vezes essa preocupação pode estar presente naqueles que instruíram o caminho novo, exigindo um aprofundamento.

Estamos diante de uma mudança na compreensão da fé. Podemos falar de crise no sentido de discernimento, purificação, crescimento. É claro que nem toda crise tem como resultado uma resposta positiva. Pode ocorrer que a fé

explícita seja rejeitada. Sendo, porém, que se trata de uma novidade, não devemos julgar a partir dos esquemas e dos sinais de fé tradicionais. São fundamentais em primeiro lugar, o testemunho afirmado e os frutos produzidos. Estar atentos para captar os novos conteúdos e os novos canais de explicitação, pois tudo isto está sendo revisto.

Na caminhada de purificação algo é abandonado, por não corresponder mais à nova compreensão. Pode-se falar, em geral, de um certo silêncio da fé, não no sentido de ter-se esvaziado, mas no sentido de não haver mais necessidade de muitas expressões. Por que falar muito de Deus? Por que multiplicar as orações, as “práticas espirituais”, as palavras e os gestos?

Sem dúvida, há uma reação contra uma abundância muito fácil e muito estéril. A Escritura parece concordar: “Não nomear o nome de Deus em vão”. “Nas nossas orações não multipliqueis as palavras” (Mt 6.7). “Por que me chamais Senhor, Senhor... e não fazeis o que digo?” (Lc 6.46). É sabido que os mestres espirituais consideram a superação do sagrado e o abandono da segurança posta em determinados sinais, para entregar-se mais radicalmente ao caminho da secularização, como um sinal de amadurecimento da fé cristã. Jesus mesmo, quando lhe pediram sinais, respondeu negando: “Não lhe será dado outro sinal senão o de Jonas” (Mt 16.4), que é o sinal do Filho de Deus feito homem, que se seculariza e dá a vida pelos irmãos. Contudo o problema dos símbolos não é eliminado...

São abandonados, sobretudo, aqueles sinais de Deus que — como vimos — estão ligados de alguma forma ao mundo opressor e são por ele utilizados, sem que haja contestação alguma, nem compromisso de justiça. Percebe-se que não se pode adorar a Deus compactuando com a injustiça ou partindo de uma pretensa neutralidade, porque onde é negada ou não é praticada a fraternidade é negado Deus.

Em síntese, sem sermos absolutistas, constatamos que está sendo purificada uma fé que era mais teórica e intelectual, descomprometida com a realidade e a ação, uma fé individualista, uma fé sentimental e afetiva. É negada uma fé que pretendia resolver tudo e que substituía — entre as outras coisas — a responsabilidade sócio-política dos cristãos.

Algo é redescoberto e afirmado como prioritário, algo é alimentado a partir da recusa da situação de opressão, pela partilha comunitária entre irmãos e pela comunhão com o povo cuja fé orienta e fortalece a fé dos agentes.

A fé é vista prioritariamente como missão, como descoberta do outro e compromisso de luta ao lado do oprimido. Trata-se de manter uma prática de justiça e de amor (aqui entra também a gratuidade) num mundo de opressão, muitas vezes sem ver muitos sinais objetivos de mudanças, ao contrário, constatando a violência da injustiça. Trata-se de reconhecer continuamente o sentido atual e definitivo da luta de libertação. De esperar contra toda esperança. É

6. *Puebla, op. cit.*, n.º 396.

7. *Ibid.*, n.º 399.



Walter Ghelman

uma fé que não faz referência explícita a Deus como absoluto, mas ao amor de Deus historicizado nos oprimidos.

É uma fé que assume como seu próprio conteúdo, e ao mesmo tempo expressão, a justiça, numa união concreta e vital, recuperando uma visão bíblica. O conceito de justiça aqui é entendido de maneira bem ampla. Não é uma simples luta destrutiva ou um mero combate de classe, também isso não se exclui. “A fome, a justiça, não são só questões econômicas e sociais, são mais globalmente questões humanas e desafiam na raiz nossa maneira de viver a fé cristã” (8).

O compromisso pela justiça está intimamente relacionado com o ato de fé. A experiência cristã de Deus, não é uma experiência religiosa do sagrado, mas é uma experiência do sentido radical do ser do mundo, da história (9). Ora, comprometer-se pela justiça significa, radicalmente, eliminar o absurdo e o fatalismo, crer na fraternidade humana e no sentido da história; significa imitar o Filho de Deus que se particulariza no Servo sofredor para libertar os homens.

Nessa perspectiva, a prática da justiça é o lugar de acesso a Deus, é o lugar onde aparece a fé, o lugar da busca de Deus. A Escritura parece afirmar mais: “Conhecer a Deus (isto é, a fé) é praticar a Justiça” (Jr 22.15-16), não só porque sem justiça não é possível encontrar a Deus (“Não há conhecimento de Deus no país” — Os 4.1), mas também porque positivamente, realizar a justiça é conhecer a Deus. E a justiça da qual fala o profeta está ligada a coisas bem concretas: construir palácios, recusar salários, julgar a causa do pobre...

“Eis como sabemos que o conhecemos: se guardarmos seus mandamentos” (1 Jo 2.3). “Todo aquele que pratica a justiça é nascido dele” (Jo 2.29) e o nascimento está ligado de alguma forma à fé. Pela Escritura, a religião (o ligar-se a Deus, reconhecer a Deus) está relacionado, até se identificar, com a justiça: “A religião pura e sem mancha aos olhos de Deus nosso Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições (Tg 1.27).

Paulo VI reconhecia este caminho de humanismo (na América Latina é claramente um caminho de luta de libertação) e de secularização como caminho da nova espiritualidade: “A religião de Deus que se fez homem se encontrou com a religião — porque tal é — do homem que se faz Deus. Que aconteceu? Um choque, uma luta, uma condenação? Podia ter-se dado, mas não se produziu. A antiga história do samaritano foi a pauta da espiritualidade do concílio” (07.12.65). E é a nossa espiritualidade.

Ainda deve ser esclarecido algo sobre a fé como reconhecimento de um Deus transcendente, criador do céu e da terra, como afirmávamos no início. É bom lembrar, em primeiro lugar, que na América Latina, falando em geral, não se coloca o problema da existência ou não existência de Deus, de um absoluto. Não é problema das massas latino-americanas, como não era problema do Antigo e do Novo Testamento. A existência de Deus não se discute. Este é um problema que surge mais no mundo industrializado, ligado a uma ideologia burguesa, substancialmente atéia, mesmo quando reconhece a Deus. Nem a fé em Deus se explicita a partir de declarações dogmáticas dos primeiros concílios ou do Vaticano I.

Mas está bem presente reconhecendo a Deus como o Deus dos pobres, o Deus libertador, o Deus que ouve os clamores de seu povo e desce para libertá-lo. É o Deus transcendente, certamente, mas sua transcendência “não aparece fundamentalmente no distanciamento do criado, mas sobretudo no questionamento em e através do criado” (10), quer dizer, na necessidade de superar continuamente as formas históricas de libertação. O absoluto de Deus e seu univer-

8. GUTIÉRREZ, *op. cit.*, p 51.

9. Cf. VAZ, H. de Lima, “A Experiência de Deus”, em *Experimentar*

Deus hoje, Petrópolis, Vozes, 1974, pp 74-89.

10. SOBRINO, J. “Discernimento cristão”, *Concilium*, p 139.

salismo são reconhecidos, mas através da parcialidade da escolha dos pobres. Deus é parcial no sentido que se define a favor dos oprimidos contra a injustiça. Nesta perspectiva, o reconhecimento e o encontro com o Deus transcendente e absoluto significam uma busca incansável a partir do compromisso com os pobres e com sua luta de libertação.

Novas Leituras Teológicas

A partir da nova situação, necessariamente há um repensamento e reinterpretação do caminho espiritual até então percorrido, atingindo — como vimos — também os conteúdos fundamentais e suas expressões. Sempre foi assim na história do cristianismo. A partir de novas experiências e necessidades se reinterpreta e se expressa a mensagem evangélica na sua integridade, mas através de formas e conteúdos novos, selecionando determinados enfoques, não pelo gosto da novidade, mas pelas exigências do momento atual. O processo está em andamento. Nestas breves linhas não é possível indicar, nem sumariamente, as pistas que se estão esboçando. É tarefa da teologia da libertação que acompanha a nova dinâmica, pastoral e espiritual, da igreja dos pobres. Limitando-nos só a algumas perspectivas, para encerrar o artigo. Já vimos algo a propósito da fé e de Deus Pai.

Jesus Cristo

Sem esquecer a ressurreição, é focalizado mais o Jesus histórico, o Jesus de Nazaré, sua prática concreta mais que sua doutrina. Jesus que escolhe os pobres, opera milagres, multiplica os pães, tem compaixão do povo, luta pela justiça e pela fraternidade, entra em conflito com os poderes religiosos e políticos do seu tempo. Jesus identificado com o Servo sofredor do Segundo Isaías: que assume os sofrimentos e as esperanças do povo. Numa palavra, Jesus libertador. Nesta perspectiva é vista a ressurreição como irrupção antecipada da libertação definitiva. Revela a plenitude de vida de Jesus, mas também é reconhecida em toda eliminação da opressão e em todas as vitórias das lutas do povo. É valorizado o Reino de Deus que já está presente, mas ainda deve completar-se. Reino que é, contemporaneamente, dom e tarefa. Antes a espiritualidade focalizava mais o encontro pessoal com Jesus; hoje insiste no Reino, na missão de justiça a ser realizada, e o acesso a Jesus é somente pelo compromisso em favor do Reino.

Igreja

A igreja é a comunidade dos discípulos de Jesus que seguem seu exemplo padecendo as mesmas conseqüências: “Expulsar-vos-ão das sinagogas, e virá a hora em que todo aquele que vos tirar a vida julgará prestar culto a Deus” (Jo 16.2). É aquela que emerge da maioria. A igreja do povo, dos pobres, entendendo com isso em primeiro lugar a comunidade formada pelos pobres, mas também a solidariedade de

todos com eles e a luta contra toda e qualquer opressão em favor de todos os oprimidos. Uma igreja então, mais de serviço, encarnada no mundo e preocupada com os problemas das massas. É questionada a distância entre a igreja e o povo. Sobretudo é denunciada toda atitude de poder da instituição que a leva a comprometer-se com os opressores deste mundo, abandonando os pobres.

A evangelização, evidentemente, é conseqüência desta visão de Jesus Cristo e da Igreja: um participar da luta de libertação do povo para uma libertação integral, que realiza a comunhão plena entre os homens e entre eles e Deus. Aceitando, muitas vezes, uma presença silenciosa.

Sacramentos

A participação nos sacramentos e na liturgia parece quase desaparecer na nova espiritualidade. Fala-se pouco de oração e de sacramentos. A pessoa humana, os irmãos, os pobres são apontados como “sacramentos”, como “sagrado”. Parece não haver mais necessidade de um espaço separado. Podemos compreender os motivos. Batizados, sacramentos, missas... sempre ocuparam a maior parte do tempo e das forças dos agentes de pastoral. Agora que eles mergulham no meio do povo, percebem quanto ficaram aprisionados dentro de um mundo onde o “sacramento” não era somente um sinal da presença da gratuidade de Deus, mas — por estar desligado de uma prática concreta de justiça — se tornava de fato a imagem, quer dizer, o ídolo, de uma eficácia sagrada a-histórica. O sacramento ficava reduzido a um rito e como tal entrava naquela condenação dos profetas e de Jesus no Evangelho contra o culto e o rito como caminho de libertação. “Jesus disse-lhes: Isaías com muita razão profetizou de vós, hipócritas, quando escreveu: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão, pois, me cultuam, ensinando doutrinas e preceitos humanos” (Mc 7.6-7). Tais queixas devem ser consideradas para avaliar toda oração e todo culto.

Em particular, essa alienação pode ser observada a propósito da Eucaristia. Foi destruído seu caráter de comunhão, substituindo a alimentação pelo rito; prevaleceu o interesse do “como” da presença de Jesus sobre o “fato” desta mesma presença; sobretudo se transformou o amplo convite de Jesus às massas famintas num mistério sagrado reservado somente a iniciados, a quem muitas vezes falta o requisito fundamental: a confrontação com a pobreza. A ortodoxia dos sacramentos sempre ficou íntegra, mas houve um cisma na prática, chegando então a uma idolatria.

É natural que, percebendo tudo isso a partir do novo lugar, a espiritualidade da libertação queira guardar uma reserva e um certo silêncio. A Eucaristia é realizada onde a comida é conquistada pelos pobres e compartilhada com eles; é celebrada em toda luta e esperanças vividas nos movimentos populares. Como recuperar a “mundaneidade” da eucaristia e seu caráter fundamentalmente popular? É o desafio que se coloca. Talvez, aqui também, o caminho seja deixar-se levar e ensinar pelo povo, por suas celebrações.

Quanto ao sacramento da Ordem, o exercício do sacerdócio deixa na sombra o aspecto mais cultural e procura abandonar uma postura autoritária, para valorizar o aspecto profético e de animação do povo. Procura ser um ministério mais coletivo e popular, apresentando a parcialidade de Deus no conflito de classe, atento às exigências das classes dominadas, a serviço das organizações populares.

Conclusão

Partimos do novo sopro de vida que anima a igreja na América Latina. A tentativa do artigo foi reconhecer o afirmar-se de uma nova atitude espiritual numa parcela do povo de Deus. Consideramos unicamente os dados concretos que temos à disposição e que dizem respeito àqueles que habitualmente são considerados agentes de pastoral. Voltamos a repetir, é uma perspectiva muito restrita. Contudo

permite individualizar os traços característicos daquela que pode ser chamada uma nova espiritualidade, uma espiritualidade da libertação. O ponto de partida é o contato com a multidão oprimida, reconhecendo o sistema opressor que produz tal situação. Isso questiona profundamente a própria fé e remete para uma caminhada nova de busca contínua. O impacto inicial alimenta a inserção no povo e na sua luta, assim como uma atitude sempre mais crítica. A fé é redescoberta como missão, como compromisso contra toda esperança, assumindo de maneira unitária o conteúdo de justiça. Deus é aquele que ouve os clamores de seu povo, Jesus de Nazaré é o libertador através da escolha dos pobres e a igreja é vista como aquela que nasce do povo.

Diante deste panorama podemos constatar que não tem sentido falar em diminuição da fé ou abandono da espiritualidade. Ao contrário, é o Espírito que anima toda esta renovação que se constitui num aumento da "vida", de que fala S. João, e num aprofundamento da fé.

É claro que ficam dúvidas, temores e tensões. Trata-se de uma caminhada, de um processo. O problema fundamental é aquele que decorre do limite dos grupos de igreja comprometidos em tal espiritualidade. Vivem uma dúplici contradição (presente no artigo): 1) a de querer ter o povo como ponto de referência contínuo, enquanto sua fé corre o risco de se elitizar, afastando-se da fé do povo, nem sempre alienada; 2) a de querer comprometer-se com as estruturas sócio-políticas, enquanto a tendência quase espontânea é de continuamente brigar no nível da instituição eclesial. Será necessário manter uma atitude de autocrítica, que desconfia da própria segurança e que procura continuamente a referência aos outros, em particular — vamos repetir mais uma vez — ao povo e às suas lutas concretas. Talvez, mais que falar em espiritualidade da libertação como nova descoberta, seja fundamental um processo de redefinição contínua.

Outras coisas devem ser esclarecidas e aprofundadas. O problema dos símbolos da fé não pode ficar simplesmente na negação dos atuais. Quais os novos gestos, os novos sinais, para expressar a fé, para celebrar a luta do povo? A tensão do conflito entre fé e militância mais radical está sempre presente. Assim também a tensão entre a eficácia da luta e a gratuidade do Reino. Mas também há certeza: este foi o caminho de Jesus e deve ser o de seus discípulos.

A nova espiritualidade que está surgindo pretende discernir entre o espírito da libertação dos humildes e o espírito de opressão dos poderosos. Quer ser eficaz e histórica, encontrando hoje nos movimentos populares o mesmo Espírito de Jesus presente nos pobres. Procura pôr à disposição todos os bens espirituais, que pela Bíblia são os bens mais fundamentais da vida humana: pão, casa, amor... Se até hoje a espiritualidade cristã foi alimentada por duas grandes dimensões: a grandeza do mundo e a profundidade da alma, talvez possamos dizer que neste tempo na América Latina está surgindo uma nova espiritualidade alimentada pela luta de libertação do povo latino-americano.



Walter Gielman

Ao colocar-se ao lado dos oprimidos, ao defender os direitos humanos e a dignidade da pessoa humana, obra suprema da Criação, as igrejas são chamadas a dar um testemunho da sua missão de ser sinal da redenção operada pelo Senhor em nossos povos.

Compreendemos que vivemos uma etapa da história humana em que as corporações transnacionais desempenham um papel determinante na transnacionalização das nossas economias, gerando um mundo onde uma minoria goza de imensos privilégios enquanto uma imensa maioria é relegada a condições sub-humanas de existência.

Através das análises realizadas e, particularmente, do testemunho dos irmãos operários e camponeses sobre a realidade e as conseqüências da transnacionalização das nossas economias, chegamos a algumas conclusões:

1. A transnacionalização é um fenómeno global que afeta profundamente todas as dimensões da vida dos nossos países no plano econômico, social, cultural e político.

2. Na América Latina é cada vez mais visível o impacto da transnacionalização sobre:

- a) o estabelecimento de políticas econômicas que privilegiam minorias e marginalizam as maiorias, promovendo a concentração da renda, a desigualdade e o desemprego;
- b) o aprofundamento da dependência tecnológica;

A Consulta Latino-Americana sobre Corporações Transnacionais, copatrocinada pela Comissão para a Participação das Igrejas no Desenvolvimento (CPID) do Conselho Mundial de Igrejas e pela Coordenadoria Ecológica de Serviços (CESE), reunida em Itaici, São Paulo, entre 1 e 5 de outubro de 1980, congregou membros de igrejas e grupos ecumênicos, agentes pastorais, trabalhadores urbanos e rurais e cientistas políticos e sociais com o fim de estudar o impacto do capital transnacional sobre as economias latino-americanas e a vida dos seus povos.

A Consulta teve como uma das suas preocupações centrais refletir sobre a responsabilidade das igrejas e dos cristãos em relação às causas das injustiças e da opressão que sofrem as grandes maiorias dos povos do nosso continente.

c) a implantação de hábitos e costumes consumistas às custas do sacrifício e da exclusão das maiorias;

d) o agravamento de crises sociais e políticas que resultam na implantação de regimes autoritários;

e) a inviabilização de projetos de soberania nacional;

f) o desenvolvimento do armamentismo e de conflitos fratricidas que sacrificam povos irmãos;

g) a destruição de valores culturais próprios de cada povo através do domínio transnacional de redes de informação postos a serviços da difusão de hábitos de consumo orientados para o supérfluo;

h) os efeitos devastadores sobre o meio ambiente, particularmente no chamado Terceiro Mundo, onde as corporações transnacionais operam com ampla e impune liberdade a partir de situações privilegiadas de poder;

i) a submissão das classes dominantes nacionais, que não vacilam em subordinar o desenvolvimento econômico nacional aos interesses transnacionais.

3. É também cada vez mais visível o conflito entre a transnacionalização, que propicia ou estimula regimes autoritários, e a emergência de uma luta também mundial pela democracia, que visa redefinir modelos alternativos de desenvolvimento e de organização social e política de nossas sociedades. Esta emergência democrática tem os valores da justiça social, da igualdade e da participação como base para a construção de uma nova sociedade, onde os trabalhadores sejam os beneficiários dos frutos do seu trabalho, onde, enfim, a democracia deixe de ser uma realidade vazia utilizada para manipular e enganar as esperanças dos nossos povos, para se transformar e se encarnar em sociedades que humanizam todas as dimensões da vida econômica, social, cultural e política dos nossos países.

Frente a estas realidades, que seguramente necessitam uma análise profunda e sistemática, a Consulta traz à consideração das igrejas cristãs da América Latina as seguintes recomendações:

1. Estimular o estudo sistemático e a difusão de informações sobre o processo de transnacionalização e seus efeitos sobre as sociedades nacionais através da criação ou utilização de redes internacionais, nacionais e locais de comunicação.

2. Promover um amplo debate sobre o tema com diferentes forças sociais e particularmente com aqueles setores mais atingidos pela transnacionalização, os trabalhadores das cidades e dos campos, os povos indígenas, os profissionais da cultura, da ciência, da educação, os estudantes, os pais e mestres, as lideranças políticas e religiosas dos nossos respectivos países.

3. Promover a solidariedade com os movimentos sociais atingidos pela transnacionalização em suas reivindicações e lutas de caráter nacional e democrático nos nossos países e a nível internacional.

4. Contribuir junto com os nossos povos para a formulação de propostas alternativas de desenvolvimento capazes de produzir uma economia que atenda às aspirações de todos os homens e mulheres de nosso continente e uma sociedade que liberte e humanize.

5. Insistir junto às igrejas irmãs da Europa e América do Norte para que utilizem a sua influência moral e econômica junto às corporações transnacionais e aos Estados dos seus respectivos países no sentido de apoiar os movimentos pela justiça social e o respeito aos direitos dos povos da América Latina.

Ao terminar este encontro nos sentimos animados pela convicção de que a causa dos direitos humanos, da construção de uma sociedade justa, igualitária e participatória estende suas raízes e adquire forças, mesmo que à custa de imensos sacrifícios, em toda a América Latina.

Estamos convencidos de que, junto com os nossos povos, saberemos encontrar respostas aos grandes e graves problemas da nossa época e, de forma particular, aos desafios colocados pelas corporações transnacionais.

Itaici, Brasil, 1 a 5 de outubro de 1980